

## Tese de Mestrado em Artes Plásticas

### Ser Pele

Representação das Metamorfoses da Pele enquanto Corpo

Maria Inês Fernandes Pimenta

3210076

Dissertação Orientada  
pelo Prof. Nuno Faria



## Ser Pele

Representação das Metamorfoses da Pele enquanto Corpo

Maria Inês Fernandes Pimenta

3210076

## Agradecimentos

Quero começar por agradecer aos meus pais pelo apoio e motivação que sempre me deram, não só durante escrita desta dissertação, como em todo o meu percurso académico e pessoal.

Aos meus amigos, o meu obrigada por sempre me acompanharem e também acreditarem e fazerem parte deste trabalho, através de conversas, partilha de ideias e opiniões e acima de tudo motivação.

Agradecer também ao Professor Nuno Faria por aceitar orientar a minha dissertação e me ajudar a compreender e expor da melhor forma possível o que tenho vindo a explorar na minha prática artística.

## Resumo

Esta minha pesquisa projetual incide maioritariamente sobre a área do desenho, da pintura e da escultura, todas como forma de aprendizagem e representação da pele e da sua transformação, em simultâneo.

No desenho e na pintura pelo meio de decomposição e representação daquilo que é observado, incidindo essa observação de forma mais recorrente na textura e na dobra. Na escultura, como forma de perceber a sua elasticidade, flexibilidade, temperatura e textura, tentando ainda chegar o mais próximo possível daquilo que é uma pele e das suas características.

A questão do tato é aqui também muito importante, sendo que as peças criadas despertam no observador vontade de lhes tocar, e de sentir aquilo que está exposto, como se o pudessem fazer na sua própria pele.

Ao desenvolver este projeto foram levantadas questões sobre como esta pele é tão semelhante entre todos, mas ao mesmo tempo tão diferente e tão única em cada um de nós. Sejam nós humanos, animais ou plantas, todos temos pele, revestimento, que se altera e continua em constante metamorfose, desde que nascemos até que morremos, é um ciclo em constante transformação. A questão da unicidade da pele começou por ser o mote desta pesquisa que desencadeou na vontade de querer compreender o porquê de assim ser, esta consequência do tempo que não podemos controlar, mas que é tão nossa.

Tenho como objetivos observar e compreender a unicidade da pele, como ela é vítima da passagem do tempo e vive em constante metamorfose.

Criar peças que sejam fiéis às suas características e representem aquilo que é ser uma pele, reproduzindo e interpretando as suas texturas, dobras e marcas.

Sendo então capaz de entender como se insere e o que implica a utilização da pele no contexto artístico, como é vista pelos outros, que questões levanta.

Por fim perceber as suas diferenças e refletir sobre elas com o intuito de as poder exprimir de diferentes formas.

## Palavras-Chave

Pele -Dobra - Textura - Háptico - Corpo - Metamorfose

## Abstract

My project research focuses mainly on drawing, painting and sculpture, all as a way of learning about and representing the skin and its transformation at the same time.

In drawing and painting, as a means of decomposing and representing what is observed, this observation is most recurrent in texture and folds. In sculpture as a way of understanding its elasticity, flexibility, temperature and texture, while still trying to get as close as possible to what a skin is and its characteristics.

The issue of touch is also very important here, as the pieces created make the viewer want to touch them and feel what is represented, as if they could do so on their own skin.

As this project developed and evolved, questions were raised about how this skin is so similar to everyone else's, but at the same time so different and so unique to each one of us. Whether we're humans, animals or plants, we all have skin, a covering that changes and continues in constant metamorphosis, from the moment we are born until we die, it's a cycle in constant transformation. The question of the uniqueness of the skin began as the motto for this research, which triggered the desire to understand why it is the way it is, this consequence of time that we can't control, but which is so much ours.

My aim is to observe and understand the uniqueness of skin, how it is a victim of the passage of time and lives in constant metamorphosis.

To create pieces that are faithful to its characteristics and represent what it is to be a skin, reproducing and interpreting its textures, folds and marks.

You will then be able to understand how and what the use of skin in the artistic context entails, how it is seen by others and what questions it raises.

Finally, to understand its differences and reflect on them in order to be able to express them in different ways.

## Keywords

Skin - Fold - Texture - Haptic - Body - Metamorphosis

## Índice

<b>Agradecimentos .....</b>	<b>4</b>
<b>Resumo.....</b>	<b>5</b>
<b>Abstract .....</b>	<b>6</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>8</b>
<b>Pele.....</b>	<b>10</b>
Pele como individuo .....	10
Pele da Natureza.....	12
Dicionário Critico.....	14
.....	16
<b>Tato, Tátil e Háptico.....</b>	<b>23</b>
<b>Vermelho.....</b>	<b>26</b>
O Vermelho da Pele.....	28
<b>Referências Artísticas .....</b>	<b>30</b>
<b>Processo de Trabalho .....</b>	<b>38</b>
.....	40
.....	59
<b>Conclusão .....</b>	<b>60</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>61</b>
<b>Webgrafia.....</b>	<b>61</b>
<b>Índice de Imagens .....</b>	<b>64</b>

## Introdução

Serve o presente documento para apresentar de forma escrita o que é *Ser Pele*, onde são dadas a conhecer representações feitas com base na observação, desconstrução e produção de pele, metamorfose, e metamorfoses da pele, assim como a apreciação do tato e do háptico. Deste modo explico a minha visão sobre a pele e como a interpreto no meu trabalho, seja por meio de observação ou de exploração do material.

De um modo geral neste documento são abordados e explicados os conceitos de pele, metamorfose e tato, tátil e háptico, tendo em conta o contexto e conceito da minha prática artística.

Estes temas organizam-se em 2 capítulos: o primeiro sobre a *Pele*, por ser o tema e o motivo principal do meu projeto, onde é abordada a *Pele como Indivíduo* e também as *Peles da Natureza*; inseri ainda neste capítulo um *Dicionário Crítico*, onde são descritas algumas das características, para mim, mais importantes da pele, especialmente a Metamorfose, que aparece como uma entrada deste dicionário mas tem uma maior atenção e desenvolvimento, de forma a explicar de forma clara qual a interpretação de *Metamorfose da Pele*.

No segundo capítulo, *Tato, Tátil e Háptico*, explico a importância do tato e de como a conexão e comunicação dos nossos sentidos é tão importante para o nosso entendimento do mundo e como isso advém da pele.

O terceiro e quarto dividem-se, respetivamente em *O Vermelho*, onde é explicada esta cor e quais as suas interpretações e as *Referências Artísticas* de modo a melhor dar a entender o meu trabalho e mostrar como tanto a temática como os materiais que utilizo foram já representados e utilizados em outras abordagens.

Por fim, de modo a consolidar todos os capítulos anteriores, apresento todo o meu *Processo de Trabalho*, desde o início da abordagem deste tema até ao trabalho que representa as ideias aqui descritas e desenvolvidas, acompanhado de imagens e também de uma reflexão sobre o meu trabalho e as questões e conclusões que surgiram ao longo do processo.

Todo ser vivo, todo órgão, toda célula, tem uma pele ou uma casca, túnica, envelope, carapaça, membrana, meninge, armadura, película, pleura...

(Anzieu, 1989, pp.14)

## Pele<sup>1</sup>

“Membrana que forma a superfície externa do corpo dos animais.

Camada mais superficial dessa membrana. = EPIDERME

Couro.

Película ou casca de certos frutos, de certos vegetais.

Parte coriácea que se encontra nas carnes comestíveis.

Odre.

O indivíduo.”

Ao falar de Pele, tendencialmente pensamos naquela que temos ao longo de todo o nosso corpo, o maior órgão que possuímos, constituído por camadas de tecido, que nos reveste, protege e nos permite sentir texturas, calor ou frio, pressão e dor. Em toda a dimensão do nosso corpo conseguimos entender que ela não é uniforme, há zonas mais sensíveis, mais macias, outras mais ásperas, tal como mais quentes e mais frias. Mas pensemos então na Pele como um corpo. Um corpo que no fundo é uma massa informe, flexível, que estica e encolhe, mole, resistente ao mesmo tempo que frágil, de fina espessura, maleável, com textura, temperatura, marcas, manchas e não uniforme.

## Pele como indivíduo

A pele do corpo que transcende a forma de figura humana e que guarda tanto e passa por tanto, que tem vida, que dobra e desdobra, que é informe, que guarda e marca. Um organismo que pode ou não ter vida, mas que de um modo geral representa esta questão de um corpo que é mais que um corpo, ele vive, ele fica marcado, tem de ser por vezes regenerado, de forma a voltar a unificá-lo. É uma pele de um corpo que não só é corpo como também representa a sua passagem do tempo, a sua história, o seu crescer, a sua textura e a sua posição perante os outros.

---

<sup>1</sup> «pele» - Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.

<https://dicionario.priberam.org/pele>

[consultado em 12/09/2022]

Esta massa está em constante transformação, desde o momento em que nos começamos a formar dentro do ventre até ao momento em que falecemos, vive um ciclo. Durante este ciclo ela sofre inúmeras alterações, apesar da forma se manter quase constante. Existem alterações de tamanho, de cor, de textura, ganhamos marcas, cicatrizes, manchas e sinais, não esquecendo também a temperatura. E mesmo após o falecimento ela continua a sofrer alterações, fica fria, pálida e aos poucos começa a decompor-se e a sair do nosso corpo.

Podemos também considerar como pele qualquer outro tipo de massa que contenha estas características, plantas, animais e frutas também têm pele, ainda que essas características sejam diferentes visivelmente e ao nível do tato, elas são uma pele.

Desde sempre se tem explorado a questão da pele e da textura no contexto artístico. Na tentativa de entender melhor como este tema é abordado neste campo escolhi um conjunto de referências que considero inspiradoras. Interessame perceber como podemos induzir o observador a captar texturas, materialidade e, acima de tudo, sensações apenas através do olhar.

A pele é um envolvente único, desde as sensações por contacto como as sensações subjetivas que através dela acontecem. É uma massa, uma proteção, um invólucro que nos protege, mas que não nos limita. É capaz de receber e absorver, criando contacto e interação, e desta forma acaba por comunicar com o que a rodeia, permite-nos compreender e reconhecer sensações que nem percebemos bem como as sentimos, mas estão guardadas na memória da nossa pele.

Como menciona Anzieu (1989) “A pele está quase sempre disponível para receber sinais, aprender códigos, sem que eles interfiram com outros. A pele não pode recusar um sinal vibrotátil ou eletrotátil: ela não pode fechar os olhos ou a boca nem tapar os ouvidos ou o nariz.” É o nosso maior recetor e em constantemente em atividade, que nos mantém em contacto com o mundo e nos permite ter um entendimento do que nos rodeia conectando todos os nossos sentidos, bem como os restantes órgãos.

A pele é efêmera por definição, cada um dos seus “estados” é transitório, está em constante transformação. Mas que ao mesmo tempo simboliza crescimento e o passar do tempo, evolução num grande espaço de tempo, mas que passa por diversos estados efêmeros.

É também através dela que nos conseguimos identificar, não só por muitos de nós termos marcas e/ou manchas características, mas também porque é nela (pele) que está a nossa identidade, a nossa impressão digital, que é outra das suas características mais fascinantes, na medida em que não existem duas iguais.

É sim um órgão, que nos envolve, que nos protege e abraça durante toda nossa vida, mas é também a nossa identidade na sua forma mais biológica e única possível.

Uma vez falando de unicidade, a pigmentação da pele é algo que também me interessa bastante pelas questões da tonalidade e variedade de pele para pele, que também nos torna tão únicos, permite-nos perceber e analisar as diferenças existentes entre a pele de cada um. Além disso a pele do ser humano evolui e modifica-se ao longo dos anos, muda de tom, ganha sinais, torna-se mais rugosa e não tão macia com o passar do tempo, assim como ganha e perde pelos.

## Peles da Natureza

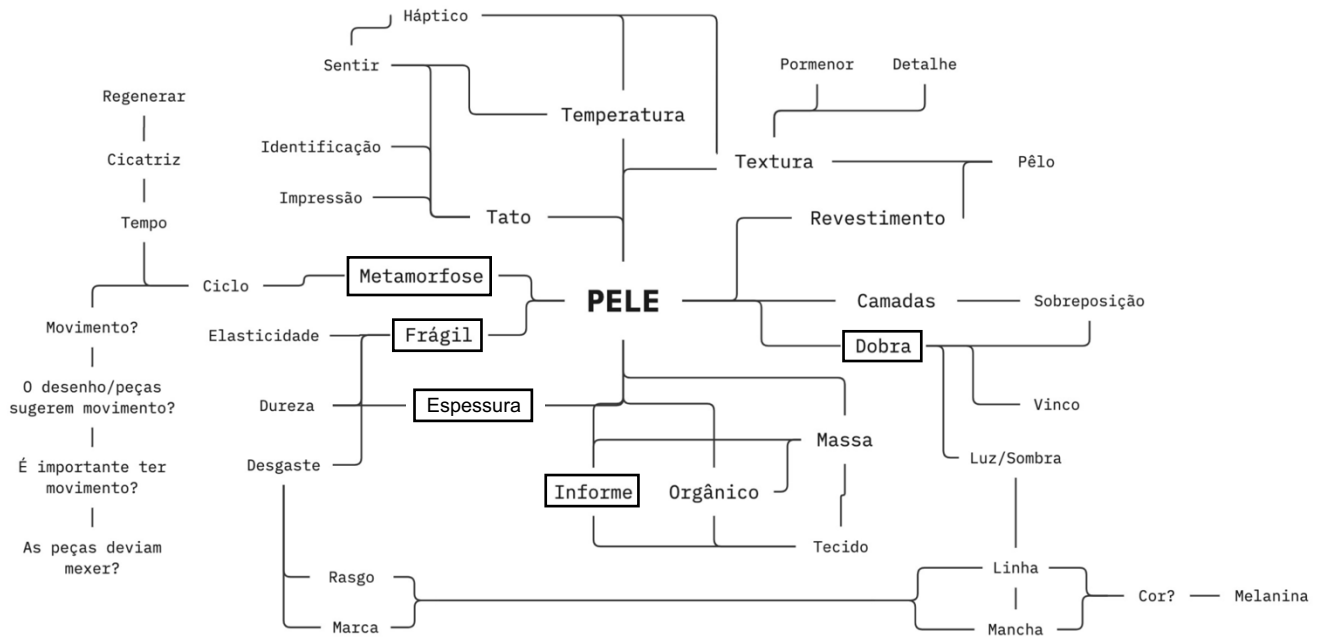
Não somos só nós que temos pele, os animais, as plantas, as frutas e os vegetais também possuem pele. São peles que tal como a nossa, protegem, têm camadas, textura, temperatura e alteram com o passar do tempo. Nos animais, sabemos que muitos deles são revestidos de pelo, mas de baixo desse pelo existe uma pele que os protege antes da parte que os ajuda a camuflar, outros não possuem pelo e utilizam a sua própria pele para se camuflar. Esta pele do mundo animal varia também consoante o seu habitat e as suas necessidades, que é uma característica muito curiosa da pele, de ter este poder de adaptação e mudança. Uns são mais macios, outros mais ásperos, outros até rugosos e com mais textura. Mas todos são pele. Nas árvores, o tronco e a casca são o que a protege, uma pele mais rija e forte, com muita textura, que lhes permite

passar por inúmeras adversidades e também as tornas resistentes e vivas durante dezenas e centenas de anos.

Nas frutas e vegetais temos peles mais rijas que só conseguimos retirar quebrando, outras mais macias e frágeis que são possíveis rasgar, outras mais rugosas e até com penugem e algumas que só ao cortar é que conseguimos descascar.

Concluindo, tudo isto são peles, tecidos mais ou menos maleáveis, completamente distintos às vezes uns dos outros, mas todos com o mesmo objetivo, e é isto que é incrível na pele, a relação de diferença e semelhança que ela possui, para além de todas as suas outras características.

# Dicionário Crítico



miro

## Espessura

Define a dureza, a densidade, a plasticidade e a flexibilidade do tecido e ou massa. Dependendo desta característica a pele torna-se mais ou menos elástica e fácil ou não de manusear, dobrar e até moldar. A camada de epiderme e a sua espessura é também um fator muito influenciável nas características da nossa pele.



Figura 1 - Espessura do Silicone - Processo de Trabalho

## Informe

Forma não perceptível, composição de formas que resultam em algo que não é concreto e decifrável. Orgânico e desorganizado, sem pensamento prévio. Conjunto de elementos que causam mistério pelo facto de que não correspondem literalmente a formas de objetos que nos são familiares e fazem parte do nosso quotidiano.



Figura 2 - Exploração do Informe com peça de Silicone - Processo de Trabalho

### Fragilidade

Que requer cuidado, é quebradiço e delicado, efêmero e vulnerável quando exposto a certas circunstâncias e ambientes. Característica influenciada pela rigidez e espessura da pele. Carece de estrutura firme e forte para a impedir de quebrar. Não é necessariamente uma característica de inferioridade, o ser frágil nem sempre significa fraqueza. Ser frágil é ser algo delicado, que se deve manusear cuidadosamente, que requer alguma minúcia. Ser frágil porque sim quebra, mas também regenera e sara.



Figura 3 - Detalhe com peça de Silicone - Processo de Trabalho

## Plasticidade

Que é possível de moldar e dar diferentes formas. Algo que se adapta, quer ao ambiente ou às condições, que é também versátil e por isso flexível e maleável, sem ter obrigatoriamente forma definida.



Figura 4 - Exploração do Informe com peça de Silicone - Processo de Trabalho

## Dobra

Sobreposição de tecidos ou massas que nos permitem ter diversas interpretações da forma ou objeto devido ao contraste claro-escuro. É o vinco que nos faz entender a dureza, a flexibilidade e a textura do material apenas com o olhar.



Figura 5 - Detalhe Dobra, peça de silicone.

## Metamorfose

Metamorfose caracteriza-se por ser uma transformação, uma alteração ou uma mudança<sup>2</sup>, por norma em questões de forma, algo visual. Podemos também considerar a metamorfose um ciclo, que tem início e fim, mas olhemos para este ciclo como algo que não é tão linear assim, ou seja, por vezes este “fim” não significa necessariamente que determinado objeto ou ser acabaram por completo, por vezes é só o fim de uma das etapas desta metamorfose.

O nosso próprio nascimento é uma metamorfose, que começa dentro do ventre da nossa mãe, durante esses nove meses de gestação, a vida é compartilhada de um corpo para o outro, no fundo, somos uma metamorfose das nossos pais, em nós temos células de ambos os progenitores, o que por si só já uma metamorfose de cada um deles, e nós ao crescermos, passarmos de embriões a fetos, e mais tarde a bebês, crianças e adultos, se pensarmos somos uma metamorfose constante.

Se observamos a vida desta maneira, vamos entender que todas as espécies estão em constante metamorfose, seja a reproduzir-se a si próprios ou ao falecer e dar vida de outra maneira a outros seres vivos.

“Toda vida é um desfile anatómico que se estende por um tempo variável.”  
(Coccia, 2020, pp.19)

Somos sucessivamente, metamorfoses dos nossos antepassados.

“Ao nascer, carrego em mim a forma de meu pai e a forma de minha mãe: geneticamente, sou o improvável e barulhento diálogo entre seus corpos e suas formas. (Coccia, 2020, pp.23)

Ao falar de metamorfose a primeira ideia que nos surge é o comum exemplo da borboleta e da lagarta, mas se olharmos em nosso redor, tudo pode ser considerado uma metamorfose, porque no fundo, é uma transformação, e a verdade é que nós próprios e o mundo à nossa volta está sim em constante

---

<sup>2</sup> «metamorfose» - Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.

<https://dicionario.priberam.org/metamorfose>

[consultado em 12/09/2022]

transformação. O nosso corpo está em constante metamorfose desde o momento em que nos tornamos embriões e mesmo após o nosso falecimento, ele não deixa de se transformar e contribuir para outras metamorfoses. Não é necessariamente um ciclo sem fim, pois esse fim leva a outras formas de vida e de transformação e evolução.

Na arte, a metamorfose caracteriza-se por permitir ao artista transformar a forma representada de algo em outra forma semelhante que representa outra coisa. Ao criarmos arte estamos a viver uma metamorfose, as nossas conceções e ideias saem do cabeça e ganham vida, são transformadas em algo, e principalmente em algo feito à nossa maneira, outra pessoa pode ter a mesma ideia, mas a realização não será exatamente igual, então podemos dizer que se duas pessoas criarem uma mesma coisa semelhante, ambas são metamorfoses, porque terão diferenças, ainda que ligeiras e não tiveram o mesmo ponto de partida nem o mesmo criador.

#### Metamorfose da Pele

A pele é uma massa que se estende e ganha características muito únicas. Essa unicidade advém da sua capacidade de adaptação, é diferente em cada um de nós, não deixando de ser pele. Não sofre apenas uma metamorfose, são várias as mudanças que acontecem numa pele, seja ela qual for. Desde que nos encontramos no ventre que a metamorfose começa a acontecer, a nossa pele cresce e aumenta, vai-se adaptando às partes do corpo correspondentes, ganha textura e endurece. E durante toda a nossa vida isso continua a acontecer, à medida que crescemos, ela cresce connosco, ganha acne, em alguns, mais pelos, vai endurecendo e enrugando à medida que envelhecemos, ganhando sinais, e tornando-se mais áspera em algumas partes.

Mesmo em cada um de nós a pele não é uniforme, é uma só pele com diferentes características consoante o lugar e as condições a que é exposta, conseguimos perceber que ao longo do nosso corpo existem zonas mais macias e frágeis, outras mais rugosas e duras, outras mais maleáveis, algumas com pêlo e outras sem.

Para além destas metamorfoses acontece também a alteração da pigmentação, zonas mais escuras e mais claras e a influencia do sol que nos deixa mais queimados e marcadas especialmente no verão.

Quando temos feridas ela passa por todo um processo de cura e reconstrução do tecido, deixando depois uma marca desse acontecimento, tal como quando nos queimamos, passamos novamente por um processo de cura que por vezes, dependendo da gravidade da situação, também nos deixa marcas. Temos também casos com a psoríase<sup>3</sup>,

“Doença crónica inflamatória que se manifesta em escamações e lesões da pele” ou o vitiligo<sup>4</sup>, “Doença cutânea caracterizada pelo desaparecimento da pigmentação da pele.”.

Por fim, também sofremos metamorfose quando somos submetidos a alguma cirurgia, há uma intervenção no nosso corpo que primeiramente passa pela nossa pele, na maioria dos casos e que deixa também no fim uma cicatriz após a pele realizar o processo de regeneração.

Tudo isto acabam por ser metamorfoses inconscientes e até involuntárias da nossa pele, ela tem uma autonomia da qual não temos controlo e vai-se adaptando a nós sem nós darmos conta.

Isto não invalida que aconteçam metamorfoses voluntárias, temos como exemplo as cirurgias plásticas, que acontecem muitas vezes por questões de estética e que modificam a aparência da nossa pele, deixando também algumas marcas, e também a realização de tatuagens ou piercings, que no fundo são “adornos” que colocamos na nossa pele, que não lhe pertencem originalmente, mudam a sua aparência, passam também por processos de cicatrização, marcam-nos e no caso da tatuagem em si, acaba por crescer e desenvolver-se connosco, acompanha a evolução da pele.

---

<sup>3</sup> «psoríase» - Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.  
<https://dicionario.priberam.org/psor%C3%ADase> [consultado em 12/03/2022]

<sup>4</sup> «vitiligo» - Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.  
<https://dicionario.priberam.org/vitiligo> [consultado em 12/03/2022]



Figura 6 - 240 Metamorfoses, Maria Inês Pimenta, Tinta da China sobre Papel, 2023, 165 x 175 cm

Para terminar, um poema que descreve um pouco aquilo que a pele é para mim.

## Pele

Que vê,  
Que marca,  
Que esconde,  
Que vive,  
Que guarda,  
Que aquece e envelhece,  
Que não esquece e entristece,  
Que veste e que não mente,  
Que fala sem dizer,  
Que cai e descai,  
Mas que sente,  
Que eu tenho,  
Que tu tens,  
Que todos temos,  
Tão parecidas,  
Porem nenhuma igual,  
Da forma ao sabor,  
Do toque à cor,

O que eu sinto ninguém vê,  
No entanto todos olham,  
Ninguém sabe o porquê,  
Ninguém sabe o que vê,

Camada tão única e fina,  
Tão frágil que parece quebrar,  
Só ela sente,  
A vida a marcar.

(Dezembro, 2022)

## Tato, Tátil e Háptico

O tato é um dos nossos cinco sentidos, e de todos eles, o único que funciona por meio de contacto, de proximidade, sendo ele o que melhor substitui a visão, uma vez que através do tato conseguimos ter acesso ao toque, o encontro entre a mão/pele e a superfície, que nos permite compreender formas, texturas e temperaturas em algo tátil, ou seja, algo onde é possível pôr em funcionamento o tato. O tato, o toque e a percepção tátil permitem-nos entender imagens por meio de fragmentos, à medida que vamos passeando as nossas mãos por um objeto, vamos conseguindo entender quais as suas características. Esta percepção tátil ao ser combinada e interligada com os restantes sentidos leva-nos a ter uma percepção háptica, onde o entendimento do objeto é feito de forma parcial juntamente com os restantes sentidos.

Entenda-se que por todas estas razões o tato é um dos sentidos mais ricos que possuímos, de todos é o que nos permite receber maior informação.

É de conhecimento geral que quando visitamos uma exposição não nos é permitido tocar nas obras expostas, apenas as podemos observar com o olhar, mas quando combinamos o tato com a visão a nossa dimensão percetiva aumenta consideravelmente, inevitavelmente colocamos a visão numa posição superior no que toca a apreciação estética, quando na realidade, se nos fosse possível tocar, a nossa percepção seria muito maior e melhor. Quantas vezes nos deparamos a olhar para uma peça e nos perguntamos se a textura e rigidez ou maciez que a peça nos transmite é exatamente aquela, ou que ficamos simplesmente curiosos por saber qual a sensação que vou sentir porque a própria peça tem características hápticas.

O lado positivo é que, apesar de não nos ser permitido tocar nas peças, através do olhar conseguimos minimamente entender e perceber como será tocar-lhe. Porque o nosso corpo já conhece e reconhece texturas, espessuras e temperaturas, e apenas observando conseguimos entender como seria senti-las, porque associamos a textura a uma sensação que já nos é familiar, porque o tato já fez esse trabalho previamente. Afinal, o tato é o primeiro contacto que

temos com o mundo, antes de vermos já sentimos superfícies e temperaturas através do tato.

Muitas vezes aceitamos que a arte só deve ser contemplada, observada e apreciada de longe e através do olhar, e se esse olhar for mais que um olhar distante, mas sim um olhar que nos permite sentir e tocar nas texturas que muitas peças possuem, se o olhar for capaz de tocar.

Se compararmos cegos com visuais, podemos afirmar que pessoas invisuais, de certo modo, têm mais vantagens na apreciação estética, porque lhes é permitido tocar, ainda que não possam apreciar visualmente, ao tocar têm acesso a outro tipo de apreciação que por vezes não nos é possível obter só com o olhar. Para conseguirmos chegar mais perto dessa apreciação estética devemos trabalhar o nosso corpo de forma a conseguir usufruir de todos os sentidos de que somos habilitados, se durante a apreciação estética fizermos o esforço de trabalhar a vontade de sentir e ver além dos sentidos, membros e órgãos que lhes são atribuídos. Devemos ser capazes de usufruir o nosso corpo de forma a estarmos mais conectados e usufruir de todos os sentidos que possuímos, para sentirmos e apreciarmos em maior e melhor quantidade e qualidade aquilo que a arte tem para nos dar.

Temos de ser capazes de construir um olhar háptico, que seja capaz de passear pelas superfícies e distinguir texturas, e uma mão óptica capaz de distinguir figuras e profundidades. É sobre aprender e conseguir tatear obras com o passear dos olhos, ser capaz de sentir a obra de arte. Não anular a existência dos restantes sentidos, mas sim aproveitar a sua existência para uma melhor e mais íntima apreciação de arte. Uma obra de arte faz-nos sentir coisas e transmite-nos sentimentos, sentimentos esses que só conseguimos perceber se colocarmos os nossos sentidos alerta e dispostos para tal.

Não nos ser permitido tatear e tocar em obras de arte coloca-nos barreiras na informação que recebemos, limitarmo-nos a olhar não nos dá por vezes a satisfação de sentir certas texturas, rugosidades, maciez e quente ou frio. Por

vezes esses fatores são tidos em conta na execução de uma obra, os materiais utilizados têm uma razão de ser, e muitas das vezes a textura é um fator muito importante numa obra, e ao não poder senti-la por não nos ser permitido acabamos por muitas vezes não viver essa experiência na totalidade.

É importante deixar presente que o tato é uma maneira importante de conhecer e reconhecer sejamos ou não capazes de ver, pois este é o único dos sentidos, além do paladar, que funciona por meio de proximidade, enquanto os restantes não necessitam de proximidade para serem utilizados. No entanto não deixa de ser importante trabalhá-los em conjunto para conseguirmos sentir as obras, literalmente, tirar partido dessa sinestesia e deixar todos os sentidos mais despertos e interligados. Até porque, segundo Herder<sup>5</sup>, os nossos sentidos, antes de se ramificarem em cinco e lhes serem atribuídas as características que conhecemos hoje, a nossa sensibilidade era generalizada, onde o sentido primogénito é o tato, por este ser aquele através do qual começamos a conhecer o mundo, e de facto, se pensarmos desta forma e retirarmos o sentido da visão, os restantes sentidos fundem-se e comunicam muito antes de sermos capazes de ver. Se formos capazes de focar a nossa atenção e unificar os nossos sentidos num só e fazer com que cada um deles sejam capazes de assumir as funções dos outros, ampliamos por completo a nossa apreciação estética porque a nossa atenção também está a absorver em maior quantidade.

Não esquecendo que se não fossem os recetores que nos cobrem ao longo de todo o nosso corpo, não seríamos capazes de ter esta experiência sensorial, é através da pele que conseguimos ter todas estas perceções e conhecimento suficiente para distinguir e entender apenas com o olhar, como refere Didier (1989) “Ela transmite ao cérebro as informações provenientes do mundo exterior, inclusive mensagens "impalpáveis" já que uma das suas funções é justamente "apalpar" sem que o Eu disso tome conhecimento.”

---

<sup>5</sup> Kastrup, V. (2015). O tátil e o háptico na experiência estética: considerações sobre arte e cegueira. *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência*, Volume 8, pp.69-85.

## Vermelho



Figura 7 - Imagem ilustrativa da aparência das diferentes tonalidades de vermelho nos materiais utilizados, Tinta da China, Lápis de Cor e Silicone com Pigmento (respetivamente, de cima para baixo).

Esse vermelho, não é apenas a cor do sangue, da revolução e da violência, mas também, em processos iniciáticos, a cor vermelha que, em certos horizontes pouco depois do pôr-do-Sol, representa o primeiro grau de passagem de uma dimensão material de luz a uma dimensão imaterial de escuridão de onde pode surgir apenas o Sol interior, uma fronteira entre exotérico e esotérico. Tais reflexões abriram-me o caminho para explorar essa cor como se fosse um campo em que eu pudesse ampliar os limites da minha cultura. Quase como se pudéssemos transformar a nossa ideia de cor, deixar de olhar para o vermelho com o véu cultural que se depositou sobre ele e rebentar completamente a nossa percepção da cor, para nos abrir a outras culturas, intensidades e coisas. (Paixão, 2024, p.93)

## O Vermelho da Pele

De um modo geral, atualmente, no meu trabalho plástico predomina a cor vermelha, precisamente por ser uma cor que nos remete para algo mais visceral, como o sangue que é altamente relacionado com o corpo, é uma cor forte que nos chama à atenção, talvez seja até por vezes incomodativa. Mas é uma cor que associamos não só a diversas coisas, como também a sensações e sentimentos, leva-nos também à ideia de ventre, por ser visceral e relacionado com o corpo, que simboliza também a metamorfose, instiga algo dentro de nós, é uma cor que nos lembra tanto a parte afetiva como também raiva e fervor. A própria cor vermelha sofre metamorfose, consoante a sua tonalidade, a maneira como é utilizada, o material e a base onde é aplicada, permitindo-nos retirar dela inúmeras sensações e interpretações.

É visível que utilizo diferentes materiais, e ainda que a cor utilizada seja a mesma e os resultados sejam bastante semelhantes, estes são também bastante diferentes.

Não procuro um tom específico, deixo que o material fale por si e decida consoante as suas propriedades, qual o vermelho que vai surgir.

Utilizo a cor de forma delicada para criar elementos e composições que causam interesse por não serem reconhecíveis e distinguidas com facilidade, ao representar a pele, a utilização desta cor leva-nos a olhar para a pele e também para dentro dela de forma inconsciente.

Podemos dizer que o vermelho é a primeira cor com a qual o Homem tem contacto e com a qual se começa a expressar, até aos dias de hoje vem a ser utilizado, a partir do sangue e de pigmentos vegetais, foi instrumento de pintura. E é notória e constante a sua presença desde então no mundo da arte, tendo sido mais tarde utilizado em formato de sanguínea para criar os esboços das pinturas a óleo. O vermelho foi ganhando a sua posição entre as restantes cores, e não precisa de estar acompanhado de nenhuma outra para se destacar, é uma cor que tem presença, poder e visibilidade por si só, causa impacto na sua forma mais pura, seja ela uma singela mancha de tinta derramada. Mas ao olharmos para essa mancha que pode ter sido criada por acaso ou por distração, vamos

imediatamente associá-la a uma mancha de sangue, uma imagem forte. O vermelho torna-se marcante não só por ser uma cor que incomoda, mas também porque associamos a certas e determinadas situações ou coisas que também têm impacto, seja ela o sangue de um ponto de vista visceral, ou a raiva, o ódio e a paixão de um ponto de vista sentimental. E se pensarmos bem, quando associamos o vermelho a emoções, estas nunca são emoções leves, são sempre emoções muito fortes que conseguimos sentir à flor da pele.



Figura 8 - White on Red, Rothko, 1957

Pastoureau (2019) refere que “Nenhuma cor se compara ao vermelho; é a cor arquetípica, a primeira a ser dominada e reproduzida pela humanidade em pinturas parietais e adornos corporais. Vinculada ao fogo e ao sangue desde épocas remotas, o vermelho desdobra-se num labirinto cromático particularmente fecundo e ambivalente: cor do Graal e do amor nos romances de cavalaria, cor do Capuchinho Vermelho, será também a cor dos proscritos, das forças do mal, indiciando perigos e interdições. Marginalizado por Newton e renegado pela reforma protestante, o vermelho perde o seu estatuto de primeira cor e torna-se demasiado vistoso, e até imoral. Permanecerá, no entanto, como a cor do erotismo, da alegria e da revolução.”

## Referências Artísticas

Apresento alguns artistas que são para mim referências na temática da pele, do háptico e da metamorfose: Giuseppe Penone, Ana Mendieta, Diogo Pimentão, Eva Hesse, Cristina Ataíde e Michaela Stark.

### Giuseppe Penone

Giuseppe Penone (1947) um artista italiano, também se debruçou sobre estas questões, textura, tato e na minha ótica, até a pele, mesmo quando não seria necessariamente a pele humana, tem muito interesse pela natureza e trabalha não só com ela, mas também com as suas texturas. Os materiais explorados no seu trabalho são bastante variados e a envolvimento que criam com o conceito de pele, textura, corpo e natureza já dão ao seu trabalho uma característica tátil. Preocupa-se em combinar diferentes materiais e técnicas de modo a provocar o observador no sentido em que lhe causa sensações.



Figura 9 - Palpebre, Giuseppe Penone, 1977

Utiliza o seu próprio corpo como objeto e instrumento para as suas obras. Um desses exemplos é a obra Palpebre (Pálpebras) onde, para obter a textura de forma mais fiel e sensorial possível, utiliza carvão nas suas próprias pálpebras para depois com fita retirar essa textura, fotografar, ampliar e projetar sobre tecido. Através das técnicas e materiais utilizados o artista traz para sua obra e conseqüentemente ao público uma experiência tátil, sem que este lhe toque.

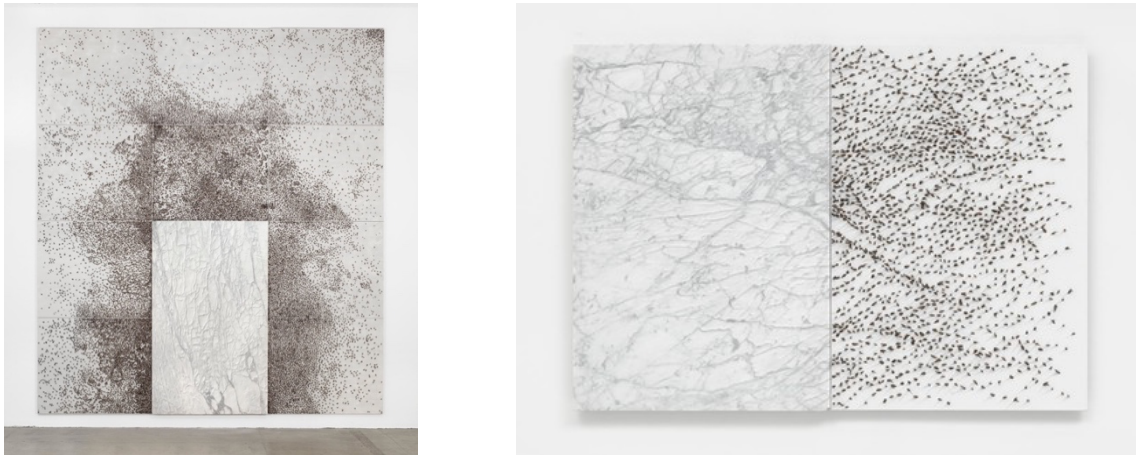


Figura 10 - Pelle di Marmo e Spin d'Acacia, Giuseppe Penone, 2000

Em *Pelle di Marmo e Spin d'Acacia*, regista peles, reúne a textura do mármore com os espinhos, tira partido do material e das texturas para criar um contraste, que nos permitem compreender as suas diferenças de uma forma sensorial.



Figura 11 - Trattenere 6, 8, 12 anni di crescita, Giuseppe Penone, (2004-2016), Bronze, 350 x 60 x 60 cm

Se pensarmos de outra maneira, Penone também trabalhava a questão da metamorfose nas suas obras. Na imagem acima, temos a peça *Trattenere 6, 8, 12 anni di crescita*. Nesta peça Penone desafia as questões do tempo. Aqui coloca-se a questão de que para o homem o tempo não passa da mesma forma que para uma árvore. Se exercermos força sobre ela durante vários anos, se a agarrarmos, ela vai continuar a crescer, mas a sua forma vai-se alterar. Explora

a metamorfose da árvore em função da intervenção humana com a passagem do tempo.

Em outras das suas obras, regista metamorfoses, aqui questiona-se sobre ela.

### Ana Mendieta

Ana Mendieta (1948-1985), atua nas áreas da performance, escultura, body art e vídeo. Trata também questões sobre a natureza e a sua conexão com o corpo, e o feminino. As suas obras têm um carácter provocatório. Utiliza maioritariamente o seu corpo para se expressar e explorar mística e emocionalmente as conexões entre a natureza e ela própria.



Figura 12 - Série Silhuetas, Ana Mendieta, 1973-1978

Nesta série, *Silhuetas*, Mendieta desenvolve obras efémeras, criadas na natureza e recorrendo a elementos naturais. “Imprime” o seu corpo de forma a expressar a sua conexão com a terra. Envolve-se com o meio quase como que num gesto de entrega. Percebemos também várias metamorfoses desta sua entrega pela maneira como o seu corpo fica registado na terra e pela duração e alterações que sofre com o passar do tempo.

## Diogo Pimentão

Diogo Pimentão (1973), procura expandir as possibilidades do desenho explorando diferentes materiais, processos e dimensões.

Envolve o seu corpo no desenho criando uma relação de proximidade. Utiliza-o como instrumento e através do movimento cria as suas composições. Composições essas que juntamente com os materiais utilizados e a monocromia, conferem ao suporte de papel ou madeira uma característica plástica.



Figura 13 - Matter (frontal), Diogo Pimentão, escultura, 2019, 22x12x10cm

## Eva Hesse

Eva Hesse (1936), o seu trabalho tem um carácter muito exploratório no que diz respeito ao material (latex, plástico, fibra de vidro) e às técnicas utilizadas, o que traz a questão do tato e do háptico para as suas obras, como podemos ver na figura 14, onde utiliza látex e outros materiais de forma a criar uma pele que se estende e abre em forma de biombo.

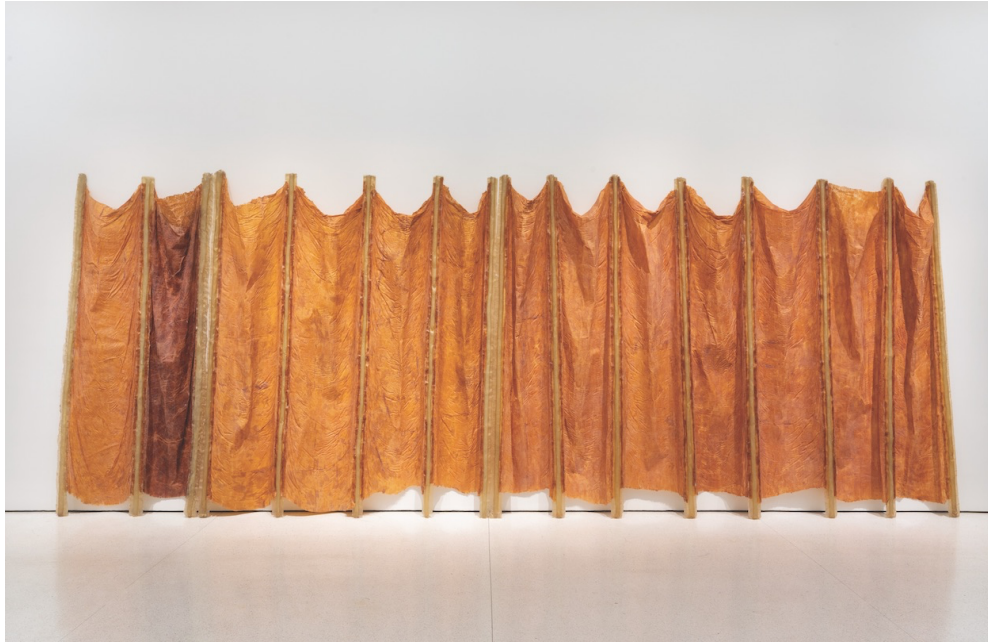


Figura 14 - Expanded Expansion, Eva Hesse, 1969, resina, latex e gaze

### Cristina Ataíde

Cristina Ataíde (1951) trabalha o desenho e a pintura, intercalados por vezes com a fotografia, vídeo e também intervenções site specific. As suas obras provêm muitas vezes em viagens, explora a natureza, a paisagem e o espaço de forma a conseguir que o espectador tenha uma experiência física e sensorial, através da cor, da textura, da dimensão e do contraste luz e sombra. Nos seus desenhos observamos uma qualidade tátil. O vermelho é a sua assinatura, utiliza também outras cores, mas o vermelho é aquele que encontramos com maior predominância em todo o seu trabalho. Este surgiu originalmente da fundição de ferro utilizado para moldes, onde no interior era utilizado um pigmento vermelho para que fosse possível distinguir um lado do outro do molde.



Figura 15 - Montanha #74, Cristina Ataíde, 2013, Lápis glasochrom s/papel e madeira | 1,85x3,50m.

Na minha ótica, Cristiana Ataíde trabalha também as peles da natureza, como podemos observar na figura 13, representa as texturas desta montanha, a sua pele.

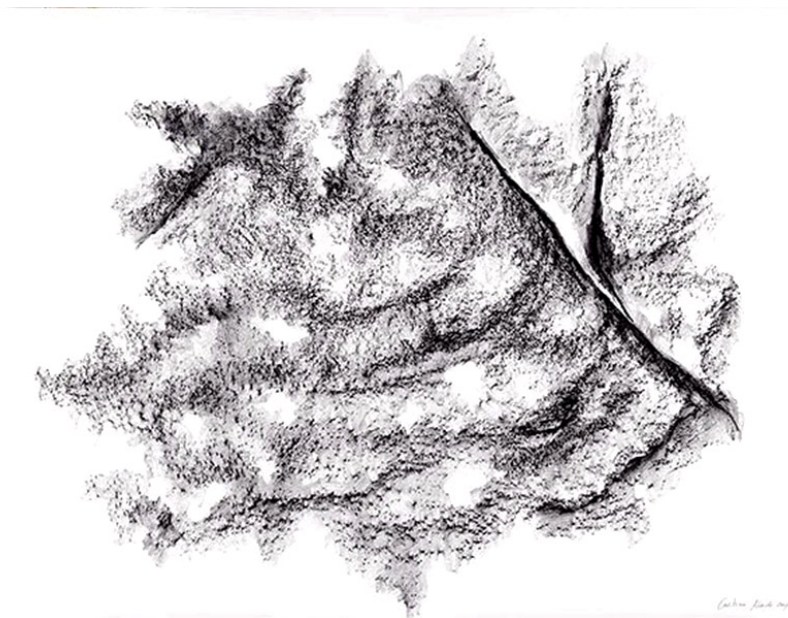


Figura 16 - Pelé #35, Cristina Ataíde, 2006, Grafite s/papel | 120x155cm

## Michaela Stark

Artista e também costureira que explora a temática do corpo, criando peças personalizadas que resultam na desfiguração. Utiliza as suas peças para enaltecer o corpo e quebrar padrões impostos pela sociedade. Trabalha o corpo volumoso e com curvas, enfatizando-as. O que mais me chama a atenção no seu trabalho são as curvas ou dobras que cria nas suas peças, que provocam uma deformação do corpo, no fundo é uma metamorfose, as curvas ou dobras que cria com as suas peças.



Figura 17 - Self Portrait, Michaela Stark, 2023

## Pedro A H Paixão

Pedro A H Paixão (1971) explora a técnica do desenho nas mais diferentes temáticas. Nos seus desenhos surgem personagens e criaturas que têm em simultâneo características narrativas e reflexivas. A cor é algo bastante recorrente na sua obra e são vários os desenhos em que utiliza uma só cor, e onde nem tudo está aparente na superfície da folha. Diria que existe também algum misticismo nas suas obras, as imagens surgem no papel como que vindas de um lugar que reconhecemos, mas não sabemos ao certo de onde, utiliza a cor e o lápis de forma a criar no observador interesse por sentir que reconhece mas ao mesmo tempo não lhe é tudo dito, o próprio diz que “o que aparece em cada não apenas não se deixa ver totalmente como também não deixa de aparecer” (Paixão, 2024, p.99).



Figura 18 - The Gift, Pedro A H Paixão, 2016, Lápis de Cor sobre papel, 21x26,1cm



Figura 19 - Sem título, Pedro A H Paixão, Exposição de Arte Portuguesa, Burlington House, Londres, (1955-56)

## Processo de Trabalho

Registo aquilo que vejo através do desenho e da pintura, a observação e o decompor para conhecer são parte essencial do processo, olhar e não apenas ver, mas também captar e desconstruir estas características, que depois são transportadas para o papel como meio de reflexão e interpretação das diferentes peles destes corpos.

Este interesse pela pele foi despertado pela observação da natureza, em aulas ao ar livre, onde criava composições de elementos que retirava das peles das árvores, folhas, pétalas, cascas de frutos secos e outros elementos que encontrava. Utilizava apenas uma paleta de aquarelas com as cores, azul, vermelho e amarelo e um pincel. Escolhi estas cores por serem as cores principais e necessárias para alcançar todas as outras. Deste forma os resultados tornaram-se muito mais coloridos e sempre uma surpresa, uma vez que o pincel não era limpo antes de trocar de cor, proporcionava resultados diferentes e orgânicos, conseguidos através da metamorfose que ocorria na junção de cores.

Observando as texturas, formas e traços criados pela luz e sombra, que se iam alterando à medida que o tempo passava e o sol se movia. Nunca à procura de uma representação literal do que observava, mas sim deixando-me envolver e passear com os olhos pelo “objeto” observado. Assim, permitindo que as cores se misturassem tirava partido do material deixando-o “falar”. Foi assim que fui criando composições orgânicas, como uma leitura com base na apreciação, transcrita com manchas, linhas e até pontos para o papel, com a ajuda da cor.

Sugerem várias interpretações e até questões, todas diferentes, porém muito semelhantes, com características iguais, mas diferentes entre si. Não se percebe o que são nem o que dizem, causam algum mistério e prendem o olhar talvez pela procura de duas iguais, quase como o jogo de encontrar as diferenças.



Figura 22 - Natureza I, Maria Inês Pimenta, 2021, Aguarela, 21x29,7cm



Figura 21 - Natureza II, Maria Inês Pimenta, 2021, Aguarela, 21x29,7cm



Figura 20 - Natureza III, Maria Inês Pimenta, 2021, Aguarela, 21x29,7cm

À medida que a exploração das peles da natureza se foi processando fui-me apercebendo da existência de outras peles, como cascas de fruto que não encontrava no parque, mas sim na fruteira ou nas árvores do meu quintal, então a partir daí aquilo que eu entendia como pele mudou completamente e tornou-se muito mais abrangente, e como consequência procurava incessantemente algo que eu identificasse como pele, para poder registar.

Mas ao começar a entender que havia muito mais peles, fui-me apercebendo cada vez mais e melhor o quão única e íntima ela é, seja de que tipo for. Por isso, senti necessidade de reduzir as dimensões do meu trabalho, uma vez que estava a representar algo tão delicado e de uma forma tão minuciosa, procurei desta maneira criar intimidade entre o observador e aquilo que está representado. As composições, escolhas de cor e objetos de observação mantiveram-se (variando dentro das peles da natureza) mas as folhas tornaram-se notoriamente mais pequenas, comparativamente às anteriores, que deram início a este projeto e fizeram despertar esta curiosidade.



Figura 23 - Série 1 - Noz, Maria Inês Pimenta, 2021, Aguarela, 6x4cm (cada)



Figura 24 - Série 2 - Laranja, Maria Inês Pimenta, 2022, Aguarela, 5x5cm (cada)



Figura 25 - Série 3 - Tâmara, Maria Inês Pimenta, 2022, Aguarela, 5x4,5cm (cada)

Ao criar estas séries, apercebi-me que, de certa forma também estou a representar metamorfoses. Metamorfoses não do objeto em si, mas a maneira como é representado sofre alterações, quer na composição quer na escolha dos elementos.



Figura 26 - Série 4 - Caule Rosa, Maria Inês Pimenta, 2022, Aguarela, 5x5cm (cada)



Figura 27 - Série 5 - Banana, Maria Inês Pimenta, 2022, Aguarela, 6x4cm (cada)

O pincel é utilizado como se fosse um lápis, a mancha advém da pressão exercida sobre o pincel, juntamente com o ângulo em que é colocado, dando origem às tais representações, não cópias exatas.



Figura 28 - Série 6 - Autorretrato, Maria Inês Pimenta, 2022, Aguarela, 6x3cm (cada)

Após a criação por exaustão das aguarelas em pequeno formato, acima representadas, senti que faltava algo e, portanto, optei por começar a fazer estas aguarelas, mas decidi experimentar brincar um pouco com outras escalas, decidi aumentar o tamanho da folha, mas manter as composições em pequena escala.



Figura 29 - Sem Título, Maria Inês Pimenta, 2022, Aguarela, 20x20cm

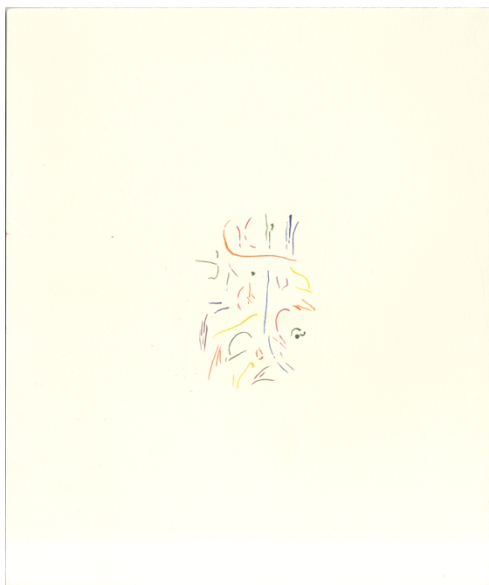


Figura 31 - Sem Título, Maria Inês Pimenta, 2022, Aguarela, 17,5x21cm

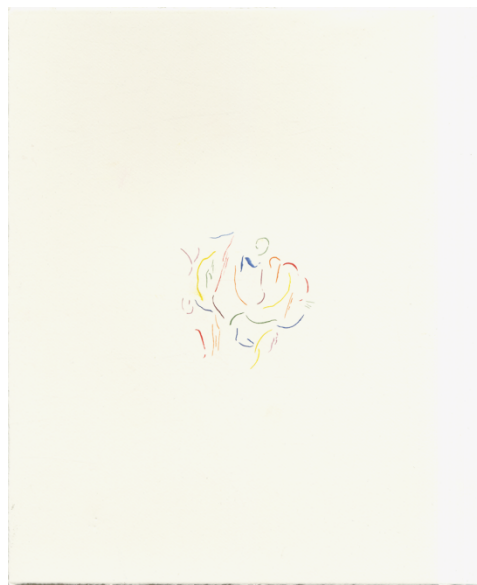


Figura 30 - Sem Título, Maria Inês Pimenta, 2022, Aguarela, 20x20cm

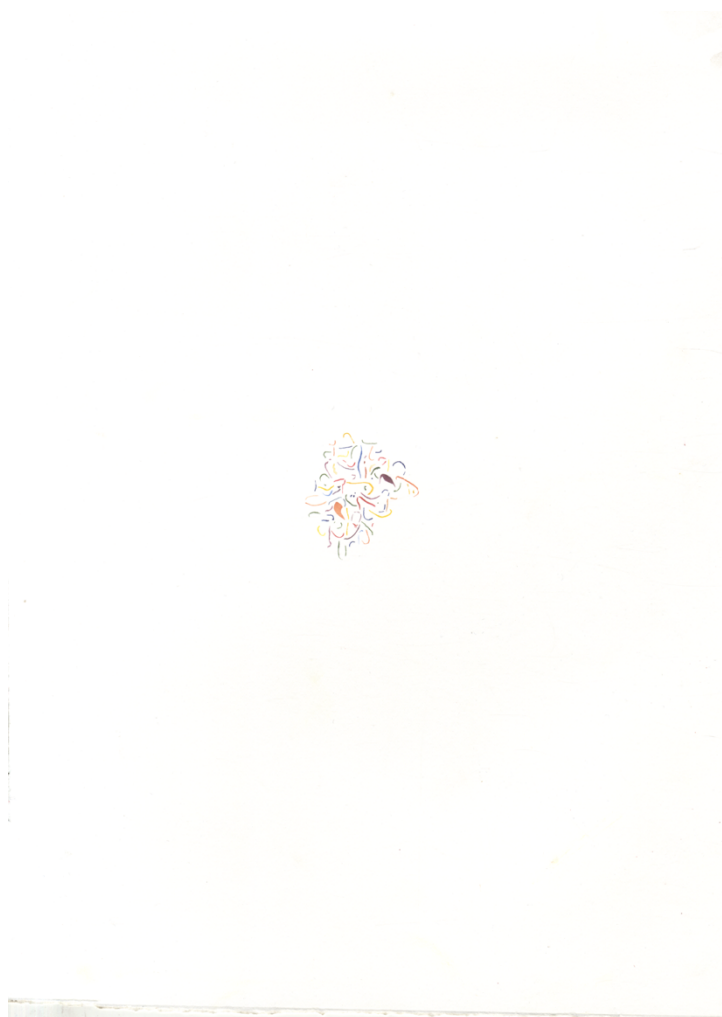


Figura 32 - Sem Título, Maria Inês Pimenta, 2022, Aguarela, 24,5x34,5cm

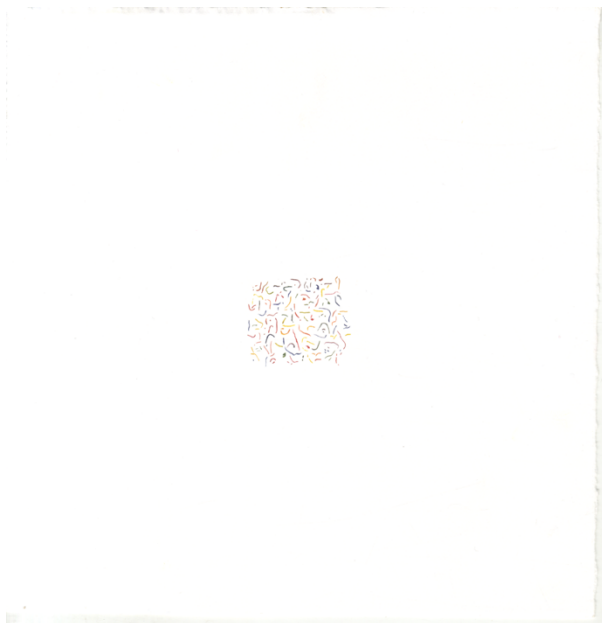


Figura 33 - Sem Título, Maria Inês Pimenta, 2022, Aquarela, 20x20,5cm

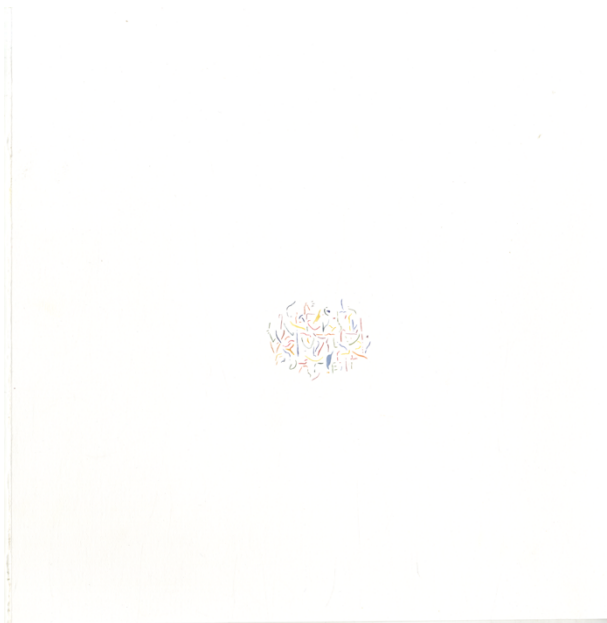


Figura 34 - Sem Título, Maria Inês Pimenta, 2022, Aquarela, 25x26cm

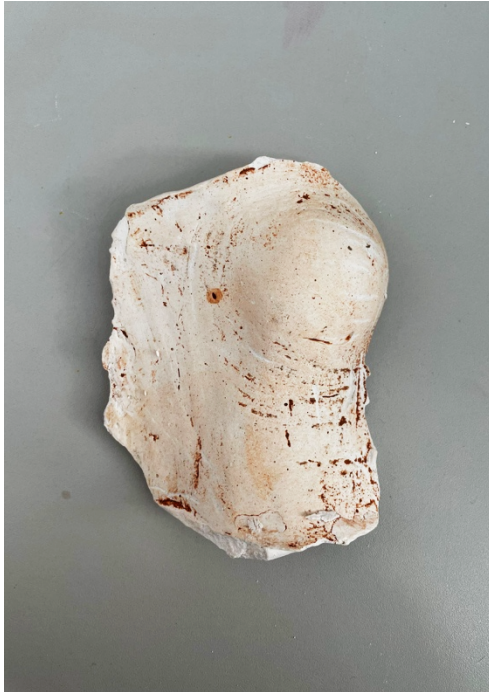
Mas não fazia sentido, as composições começaram a tornar-se muito mais fechadas e com elementos repetitivos. Inconscientemente comecei a colocar as composições dentro das folhas de pequena dimensão que estava a usar anteriormente, então deixaram de ser composições livres e que me agradavam com as suas formas orgânicas e resultados abertos, estava a fazer uma procura incessante de algo que não estava ali, mas que eu não estava a ver.

Deparando-me com esta situação, em que senti que estava estagnada e já nada me agradava, decidi então procurar outras peles que não fossem as da natureza e mudar de objeto de observação.

Senti a necessidade de começar a conhecer melhor o meu próprio corpo, a minha própria pele, fiz autorretratos e percebi que havia uma necessidade de explorar a pele deste corpo de uma outra forma e com outros materiais.

Foi então que comecei a explorar o meu próprio corpo, tentei replicar a minha pele fazendo “cópias” com a ajuda do barro e do gesso, para melhor entender a sua textura, e também morfologia, uma vez que agora tinha partes do meu corpo, fora dele, em três dimensões, que podia mexer, rodar e ver com outros olhos, observando também as alterações da textura com a luz e sombra. Desta maneira foi possível compreender que a pele não é igual em todas as partes do corpo. A

textura muda de local para local, a pele torna-se mais rugosa ou mais macia consoante as zonas do nosso corpo e as funções que estes membros desempenham e condições a que estão expostos.



Figuras 35 - Peça de gesso feitas a partir do meu corpo, tornozelo.



Figura 36 - Peça de gesso feitas a partir do meu corpo, dedos.

Nesta fase comecei por utilizar barro e pressioná-lo contra várias partes do meu corpo de forma a obter pedaços de barro que poderia usar como molde para criar peças em gesso do meu corpo, e pouco depois comecei a aplicar o gesso diretamente na minha pele quase na tentativa de criar uma cópia direta. Desta forma seria possível recriar partes de mim e para além de as observar e analisar do ponto de vista da forma e textura e entendimento das diferentes partes e “tipos de pele” nele existentes, utilizá-las também como objeto de observação para desenhar.

Estas peças foram feitas meramente para objeto de estudo, para além de me ajudarem a compreender a minha pele, mas também perceber os materiais e como funciona esta questão da pele, de algo tão delicado, frágil, maleável, num material que é exatamente o oposto, que é rijo, duro, que não dobra nem se molda. Congelar a pele como se encontrava no momento em que o molde foi

feito através do gesso e que a partir daqui já não sofre metamorfose e já não se altera.



Figura 38 - Peça de gesso feitas a partir do meu corpo, dedos.



Figura 37 - Peça de gesso feitas a partir do meu corpo, dedos.



Figura 39 - Peça de gesso feitas a partir do meu corpo, pé.



Figura 40 - Processo criação peça gesso, imagem de ateliê.



Figura 41 - Peça de gesso feitas a partir do meu corpo, joelho.

A partir daqui, comecei então a querer criar composições com os elementos do meu corpo e tirando partido destas peças de gesso que agora existiam. Então comecei a fazê-lo recorrendo ao papel e à grafite, talvez pela dureza do material riscador me parecer fazer mais sentido uma vez que se tratava de uma textura impressa em gesso, que também é algo duro e mais frio, mas que ao mesmo tempo me permitia trabalhar o detalhe e a luz e a sombra, dando mais dimensão ao desenho e à composição em si. Aqui os elementos já não se encontram “soltos” pela folha, como anteriormente acontecia. Aqui encontramos a minha interpretação criada com base em algo, assemelha-se ao objeto de observação, mas nunca na tentativa de procurar fotocopiá-lo.



Figura 42 - Sem Título, Maria Inês Pimenta, 2022, Grafite, 15x17cm



Figura 43 - Sem Título, Maria Inês Pimenta, 2022, Grafite, 17x17,5cm



Figura 44 - Sem Título, Maria Inês Pimenta, 2022, Grafite, 22,5x15cm



Figura 45 - Sem Título, Maria Inês Pimenta, 2022, Grafite, 17,5x18cm



Figura 46 - Sem Título, Maria Inês Pimenta, 2022, Grafite, 18,5x16,5cm

Nesta fase o que mais me agradou foi a dimensão sensorial dos desenhos, olhar para eles e conseguir sentir a textura que representavam, como se lhes estivesse a tocar, conseguir entender as dobras, as reentrâncias, a temperatura e a dureza do que é representado. Foi aqui que compreendi que o meu trabalho tem também uma dimensão háptica. E esta capacidade de transmitir e dar a conhecer texturas apenas através do olhar foi algo que me interessou bastante e me fez querer experimentar outros materiais e técnicas para perceber como conseguia transmiti-lo.

Comecei a querer experimentar mais os materiais e poder também eu ter uma experiência sensorial e háptica na realização dos meus projetos. Sentir o material e fazer disto uma experiência háptica desde a realização das peças até ao resultado final e à observação.

Tentei então não representar, mas sim criar pele.

Recorrendo à mistura de três materiais, farinha maizena, silicone e pigmento vermelho, embarquei nesta aventura de criar pele, não deixando completamente de lado os desenhos a grafite, estes continuaram a ser feitos, mas agora com menos regularidade.

Aqui o pigmento escolhido foi a cor vermelha apenas para usar em poucas quantidades, só para dar alguma cor à mistura e poder assemelhar-se um pouco mais àquela que é a minha pele. Foi uma fase muito interessante no que toca à aprendizagem de manuseamento do material. As misturas eram feitas sem muita precisão, os tempos de secagem nem sempre eram os mesmos, e o processo de remoção da base também teve os seus desafios. Sempre a jogar com a tentativa e o erro, e aprendendo a cada tentativa quais as possibilidades e os limites do material, assim como o entendimento das suas possibilidades após o processo de secagem e qual a resistência da peça.

A massa era estendida sobre a mesa do ateliê com a ajuda de uma espátula e sobre uma camada de sabonete para facilitar depois na remoção. Muitas vezes quebraram ou rasgaram, ou pela espessura ser muito pouca ou pela quantidade exagerada de farinha.



Figura 47 - Resultado experimentação pele, silicone, farinha maizena e pigmento vermelho.



Figura 48 - Resultado experimentação pele, silicone, farinha maizena e pigmento vermelho.

Considero que esta fase foi uma das mais interessantes, pois pude eu própria ter a experiência sensorial que estava a querer transmitir aos outros, mas sem antes eu própria ter passado por ela, foi um processo longo até acertar com a fórmula e perceber exatamente qual seria a finalidade destas peças depois de secas, se seriam só experiências, se o produto final ou objetos para mais tarde

desenhar. Mas sem pressas de entender uma resposta nem de tentar acertar as quantidades para que todas tivessem a mesma flexibilidade e textura.

Desta forma acabei por, inconscientemente, criar também diferentes tipos de pele, umas mais finas, maleáveis e macias, outra mais espessas, duras e quebradiças. Na figura 47 temos uma peça que é possível pendurar sobre um arame e que descai devido à sua leveza e plasticidade e que com o tempo foi rasgando por ser mais frágil. Na figura 48 uma peça pendurada com a ajuda de um prego, com uma estrutura mais forte que a permitia ficar pendurada sem quebrar.

Enquanto esta fase experimental se ia desenvolvendo calmamente, o desenho voltou a ser uma necessidade, porém a grafite já não se adequava nesta fase, pois tinha passado por um processo tão mais prazeroso e sensorial, por uma experiência tátil com uma massa suave e flexível, que não estava a conseguir transmitir com a grafite. Foi então que optei por voltar às cores que deram início a este projeto, o azul, o vermelho e o amarelo. Tendo então feito apenas dois desenhos, um com lápis de cor azul e outro com o lápis de cor vermelha, o amarelo foi deixado de fora apenas por ser uma cor mais clara que não iria fazer jus ao contraste de luz e sombra que pretendia representar nestes desenhos.

Analisando os resultados de ambas as cores, o vermelho foi o que mais chamou a minha atenção e me pareceu resultar melhor para o que eu estava à procura.

Neste ponto foquei-me em representar as dobras, a flexibilidade e a maciez, algo que já procurava alcançar com as peças de silicone, nestes desenhos representei-a como se de um tecido ou panejamento se tratasse. Aqui mais uma vez, como aconteceu com as aguarelas, tudo o que pudesse dobrar ou amachucar e assumir de diversas formas eu entendia como pele. Além de utilizar as peças de silicone como objeto de observação, utilizava também folhas e panos ou toalhas e por vezes até peças de roupa.

Senti que os resultados obtidos transmitiam exatamente aquilo que pretendia, e foi nesta fase que a cor vermelha se tornou tão importante, porque senti que fazia sentido, que era uma cor que tem tanto poder, e pode ser interpretada e

associada às mais diversas coisas, que também ela ganhou aqui, para mim, um sentido muito único e de metamorfose como vejo na pele.

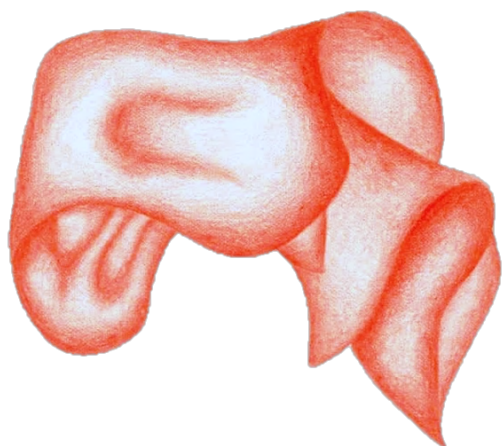


Figura 50 - Dobra I, Maria Inês Pimenta, 2023, Lápis de cor sobre papel, 14,7x17,3cm

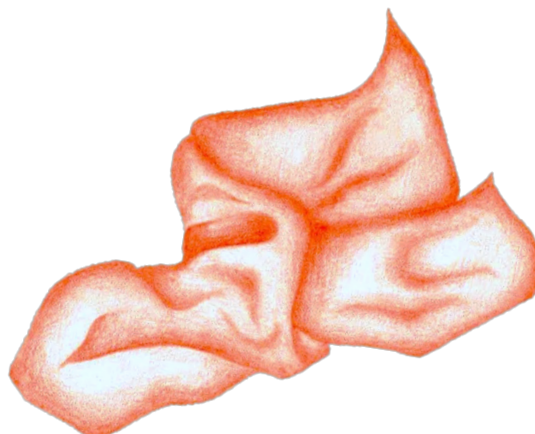


Figura 49 - Dobra II, Maria Inês Pimenta, 2023, Lápis de cor sobre papel, 16x17,5cm

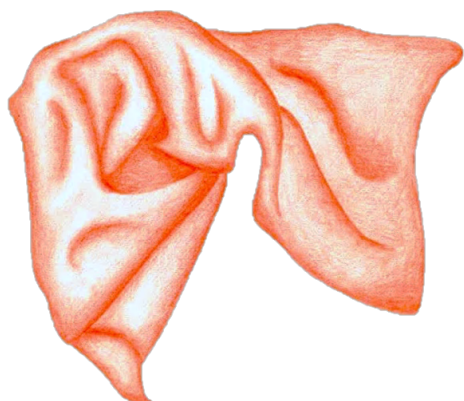


Figura 51 - Dobra III, Maria Inês Pimenta, 2023, Lápis de cor sobre papel, 15,5x15cm

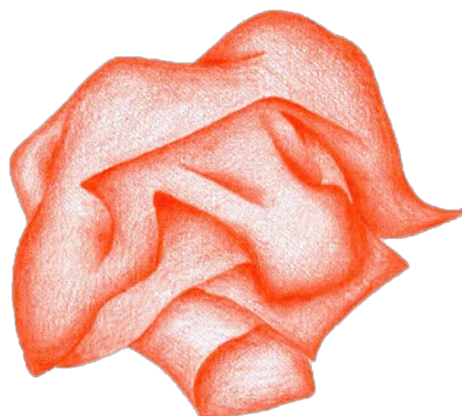


Figura 52 - Dobra IV, Maria Inês Pimenta, 2023, Lápis de cor sobre papel, 18x19cm

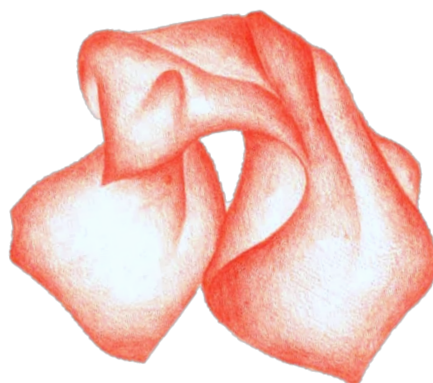


Figura 53 - Dobra V, Maria Inês Pimenta, 2023, Lápis de cor sobre papel, 14x12,5cm

Creio que com a execução destes desenhos comecei a querer explorar além da pele, esta cor que me saltava à vista e com a qual não queria deixar de trabalhar. Então comecei a querer explorar o vermelho em outros suportes e materiais ao mesmo tempo que continuava esta procura de saber mais sobre a pele. No fundo sinto que o vermelho é a cor que mais me faz sentido associar quando se trata de representar e falar de pele, e quis juntar ambos e explorá-los em conjunto. Em simultâneo tentei representar também a metamorfose da pele no seu processo.



Figura 55 - Textura em metamorfose, Maria Inês Pimenta, 2023, Tinta da China sobre papel, 14,5X14,3cm



Figura 54 - Textura em metamorfose, Maria Inês Pimenta, 2023, Tinta da China sobre papel, 15,7X13,7cm



Figura 56 - Textura em metamorfose, Maria Inês Pimenta, 2023, Tinta da China sobre papel, 15,5X14cm

Foi então que decidi também representá-la como inicialmente o fiz quando trabalhava com as aguarelas e suportes de pequeno formato. Utilizando tanto o lápis de cor como a tinta-da-china.



Figura 57 - Textura em Metamorfose, Maria Inês Pimenta, Lápis de Cor sobre papel, 2023, 6X4cm (cada)

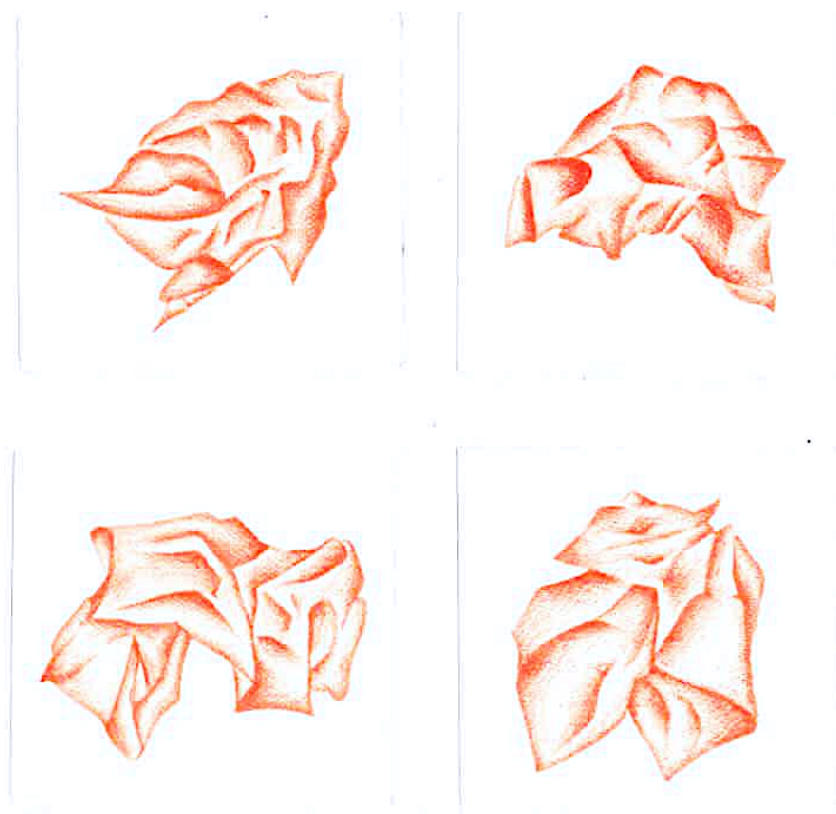


Figura 58 - Dobra em Metamorfose II, Maria Inês Pimenta, Lápis de Cor sobre papel, 2023, 5,5X5cm (cada)

Eu sinto que este tipo de representação em que são criadas composições através de detalhes de textura e dobras criadas pelas luz e sombra funciona bastante bem em pequeno formato. Simplesmente pelo facto de se tratar de um assunto que acaba por ser muito íntimo, e é precisamente por ser íntimo que faz sentido que assim seja. Ao fazer desenhos/pinturas/representações que cabem literalmente na palma da nossa mão crio uma ligação e uma relação de proximidade e intimidade com o observador, porque é necessário que seja feita essa aproximação para se poderem observar os detalhes representados.



Figura 59 - Dobra em Metamorfose II, Maria Inês Pimenta, Lápis de Cor sobre papel, 2023, 4X4cm (cada)

Durante esta fase voltei a querer aventurar-me a fazer a minha pele, mas desta vez um pele vermelha, em que o pigmento seria utilizado em grande quantidade, e explorar a transparência e a opacidade. Para isso voltei a utilizar os materiais e técnica da experimentação anterior, com a diferença de que aqui eu procurei acertar as quantidades para que todas as peças pudessem ter aproximadamente a mesma elasticidade, flexibilidade, textura e espessura.



Figura 61 - Resultado experimentação pele, silicone e pigmento vermelho.



Figura 60 - Resultado experimentação pele, silicone, farinha maizena e pigmento vermelho.

Estas peças tornaram-se novamente objeto de observação para criar outras representações.

A partir destas peças representei a metamorfose (desta) pele de duas formas diferentes.

A primeira, figura 62, baseada na ideia de um flipbook: em 15 folhas do mesmo tamanho representei a metamorfose de algo informe em crescimento e que parte da pele de silicone, criada por mim. No fundo comecei por pintar na primeira folha elementos que me chamaram à atenção, e por aí em diante esses elementos foram crescendo e tendo outros agarrados a eles. Na imagem conseguimos ver as diferentes imagens dispostas em caracol, sendo que no canto superior esquerdo é o seu início e segue em caracol até ao centro onde se encontra a forma final.

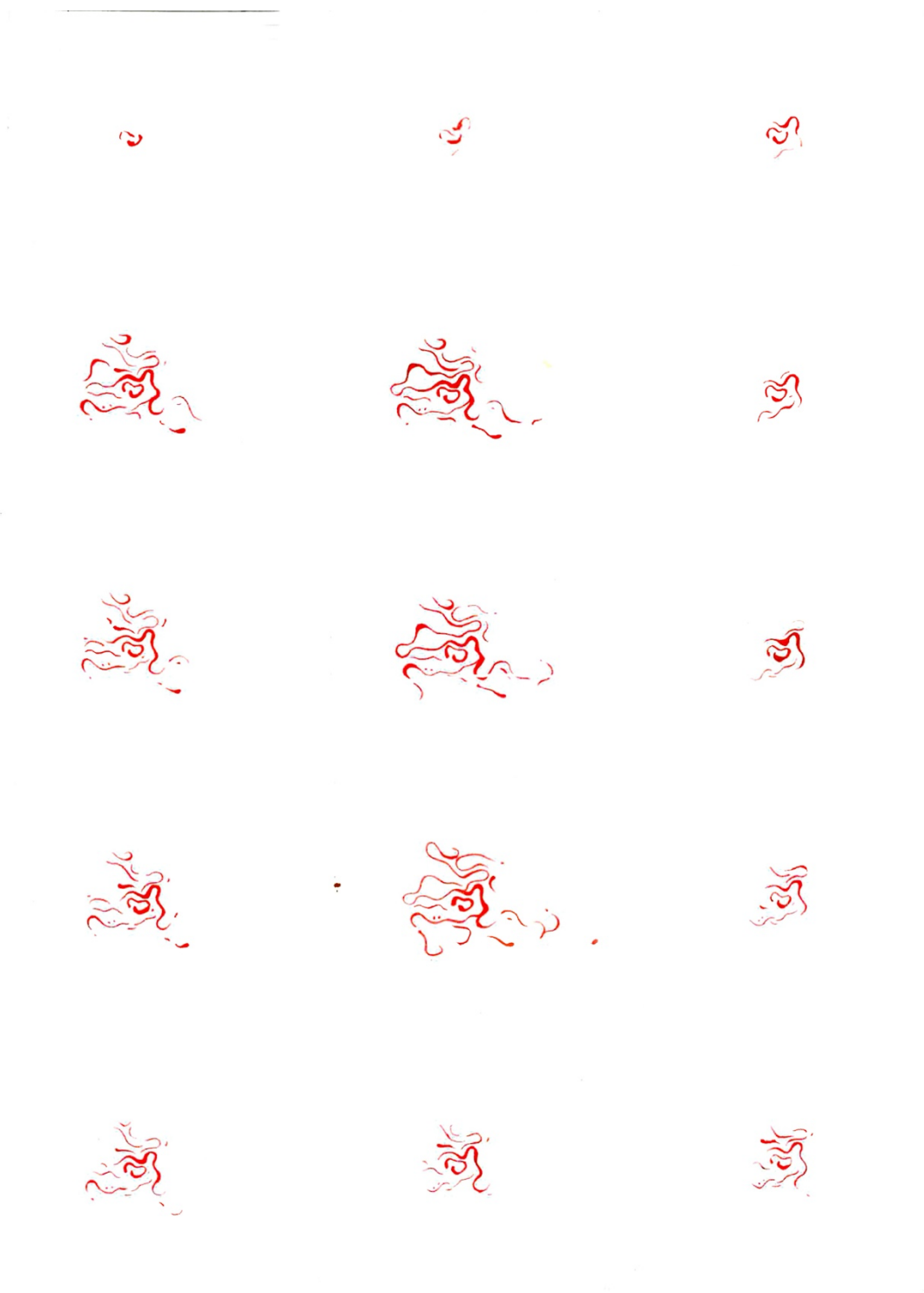


Figura 62 - Metamorfose do Informe, Maria Inês Pimenta, Tinta-da-China sobre papel, 2023, 14 folhas de 10 x 8 cm (cada)

Na segunda, figura 63, optei por continuar o registo em pequeno formato, sendo que desta vez me desafiaria a fazer o máximo de metamorfoses que coubessem na folha, resultando isso numa composição de 240 representações em tinta-da-china, feita cada uma delas dentro de um quadrado de 1cmx1cm.

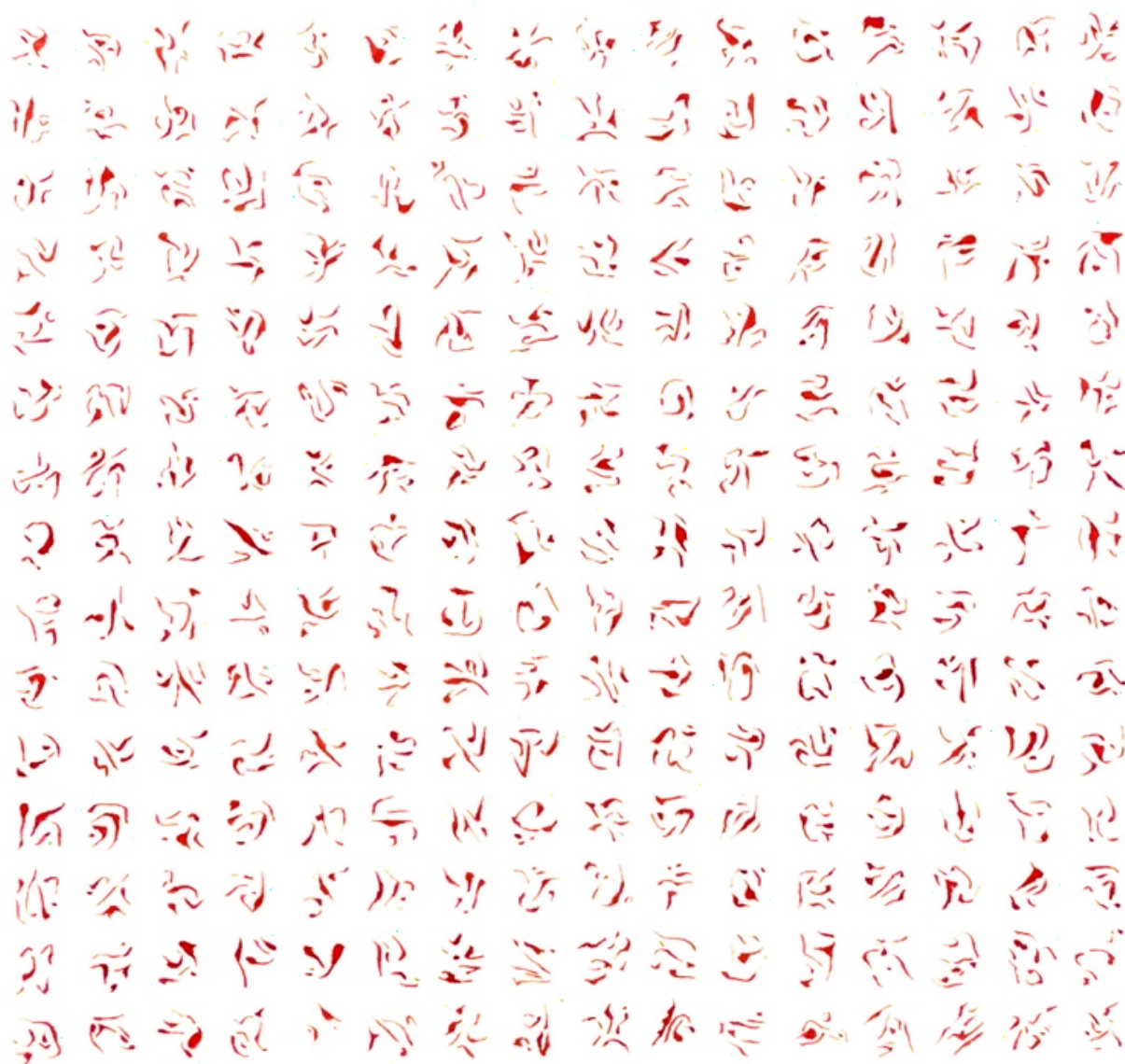


Figura 63 - 240 Metamorfoses, Maria Inês Pimenta, Tinta da China sobre Papel, 2023, 165 x 175 cm

Este foi um dos resultados que mais me agradou, também dos que mais demorou, por ser tão minucioso e pequeno, foi sem dúvida um desafio que me fez entender melhor ainda o quanto o nosso olhar e percepção variam, assim como a nossa pele, pois se a partir desta pele que não tem vida, que não se mexe, não cresce e que não se transforma, foi possível, em cerca de um mês, representá-la de 240 formas diferentes pensemos então ao longo de uma vida quantas metamorfoses a nossa pele não sofre sem que nós tenhamos essa noção nem nos apercebamos que elas acontecem.

Por fim, quis explorar novamente a minha própria pele, mas agora utilizando esta cor que vinha a ser utilizada em todos os trabalhos. À semelhança do que fiz com o gesso, cobri partes do meu corpo com pigmento vermelho, realçando assim todas as linhas e a textura da minha pele. Mas queria deixar aquilo que eu estava a observar registado, não que fosse só uma memória na minha cabeça, mas sim algo a que pudesse recorrer e visualizar quantas vezes me apetecesse e também partilhar. Então optei por utilizar fita cola sobre a área do corpo onde se encontrava espalhado o pigmento e transferir essa textura então para a fita cola. Desta maneira pude observar novamente as transparências que procurei com as peças de silicone.

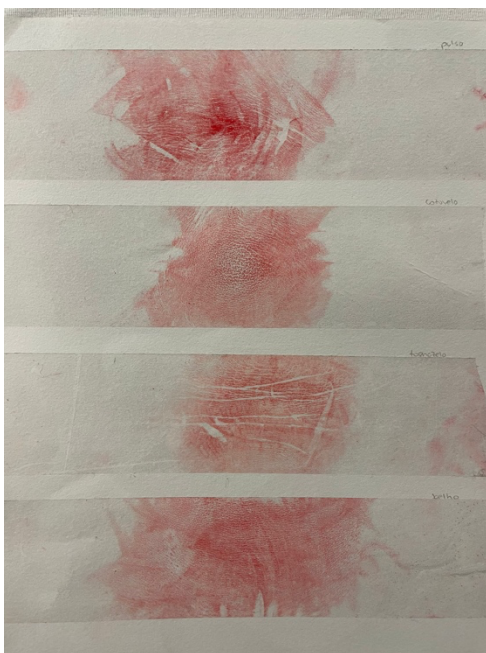


Figura 65 - Resultado transferências do pigmento no corpo

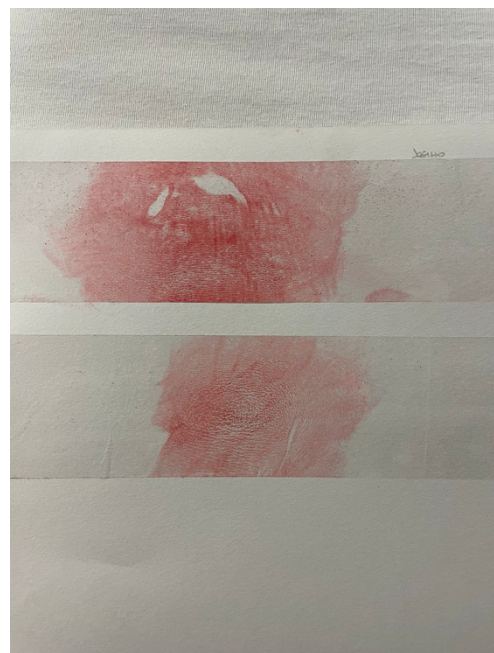


Figura 64 - Resultado transferências do pigmento no corpo

Essas texturas foram fotografadas sobre um fundo preto que permite ter uma melhor visibilidade de todos os detalhes e posteriormente foram trabalhadas digitalmente e impressas em acetato para que se possa manter a questão da transparência. Desta forma pude explorar numa outra vertente a pele, mas evidenciando sempre as suas características tão únicas.

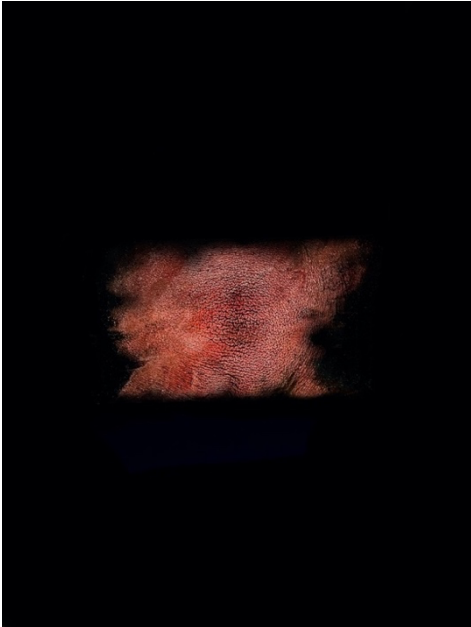


Figura 67 - Pele Vermelha 5, Maria Inês Pimenta, Fotografia digital, 2024



Figura 66 - Pele Vermelha 1, Maria Inês Pimenta, Fotografia digital, 2024



Figura 69 - Pele Vermelha 7, Maria Inês Pimenta, Fotografia digital, 2024

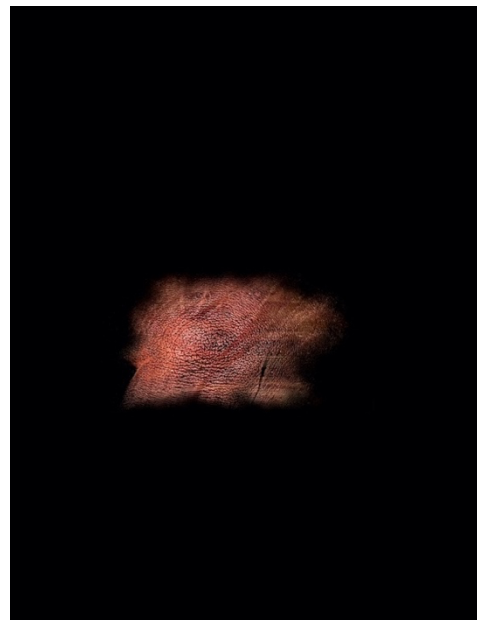


Figura 68 - Pele Vermelha 11, Maria Inês Pimenta, Fotografia digital, 2024

## Conclusão

Com a escrita desta dissertação, pude fazer uma maior reflexão sobre o meu trabalho e toda a sua origem e desta maneira conseguir expressar-me melhor sobre aquilo que é efetivamente o meu trabalho e sobre o que trata.

Compreendi acima de tudo que o tema que abordo no meu trabalho é todo um mundo muito amplo que pode ser explorado das mais diversas maneiras, materiais e técnicas. O “brincar” com o material é algo que venho a fazer desde há muito tempo. Surpreendendo-me muitas vezes com os resultados, este método permite-nos não só conhecer as suas possibilidades como também aprender, observar e interpretar o assunto trabalhado de outras formas.

Explorar técnicas e materiais é uma experiência sensorial que nos ultrapassa, uma vez que o material, embora seja manipulado pelas nossas mãos, tem as suas propriedades e também limitações. Por vezes se deixarmos o material trabalhar por si fazemos descobertas extraordinárias inesperadas, por isso julgo ser tão importante experimentar trabalhar o mesmo assunto nas mais variadas áreas, e até mesmo repetir técnicas já utilizadas em outro registo, combinando-as com outras. Só se nos permitirmos ver vamos descobrir estas possibilidades e interpretações.

A pele funciona em camadas e como tal existem ainda tantas por explorar. Não é um assunto recente no mundo artístico, há anos que vemos a pele e o corpo serem representados na arte, passando por várias épocas e áreas e interpretados por muitos e diferentes artistas. E ainda assim não deixa de continuar a ser utilizado como motivo de trabalho para muitos de nós hoje em dia, precisamente por ser tão vasto o seu universo e nos levar a tantas interpretações. Essa é a principal característica da pele, ser tão única que é possível abordá-la inúmeras e diversas vezes de formas tão transcendententes, que apesar de ser um tema repetitivo, não se torna cansativo e maçador. Percebemos isso através de nós próprios (seres humanos), que somos tantos e todos temos pele, mas ainda assim nenhuma é exatamente igual a outra, assim como as interpretações e representações que ao longo de tantos anos vêm a ser

feitas sobre a pele. É o seu carácter único que a torna tão especial e apelativa à exploração artística.

## Bibliografia

Anzieu, D. (1989). *O Eu-pele*. SãoPaulo: Casa do Psicólogo.

Coccia, E. (2020). *Metamorfoses*. Rio de Janeiro: Dantes.

Drathen D., Molder F. & Chafes R. (2023). *De Natura Cristina Ataíde*. Lisboa: Documenta.

Faria N. F., Coccia E. C. & Paixão P. (2018). *Mundo Flutuante*. A Oficina, CIPRL, Lisboa: Sistema Solar (Documenta).

Gil, J. (1997) *Metamorfoses do Corpo*. Lisboa: Relógio D'Água.

Heller, E. (2013). *Corpo - A psicologia das cores*. Barcelona: Editora G. Gili .

Kafka F. (2005). *A Metamorfose*. Lisboa: Relógio D'Água.

Kastrup, V. (2015). O tátil e o háptico na experiência estética: considerações sobre arte e cegueira. Rio de Janeiro: *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência, Volume 8*, pp.69-85.

Pastoureau, M. (2019). *Vermelho - História de uma cor*. Lisboa: Orfeu Negro.

## Webgrafia

«tátil» - Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.  
<https://dicionario.priberam.org/t%C3%A1til> [consultado em 14/09/2022]

«tato» - Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.  
<https://dicionario.priberam.org/tato> [consultado em 12/09/2022]

«háptico» - Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.  
<https://dicionario.priberam.org/h%C3%A1ptica> [consultado em 14/09/2022]

Ataíde, C. (s.d). Curriculum vitae. [consultado em 01/03/2024]  
<http://www.cristinataide.com/curriculo.html>

Candeias, T. (2023, Agosto, 23) ¿A Terra ainda é redonda? Cristina Ataíde e o seu modo de fazer mundo. *Umbigo*. [consultado em 01/03/2024]

<https://umbigomagazine.com/pt/blog/2023/08/23/a-terra-ainda-e-redonda-cristina-ataide-e-o-seu-modo-de-fazer-mundo/>

Dantes, A. [SELVAGEM ciclo de estudos sobre a vida]. (2021, setembro, 16). *FLECHA 3 - METAMORFOSE*. [vídeo]. [https://www.youtube.com/watch?v=Q2IS8YhphHw&ab\\_channel=SELVAGEMciclodeestudossobreavida](https://www.youtube.com/watch?v=Q2IS8YhphHw&ab_channel=SELVAGEMciclodeestudossobreavida)

Diogo Pimentão - *Gallery Untilthen*. [Galerie Untilthen]. (2015, Setembro, 11) [Vídeo]. [consultado em 10/03/2024] [https://www.youtube.com/watch?v=izwfXTGhRQM&t=3s&ab\\_channel=GalerieUntilthen](https://www.youtube.com/watch?v=izwfXTGhRQM&t=3s&ab_channel=GalerieUntilthen)

Lancioni Daniela, (2022, Julho 8), *Biography*, Giuseppe Penone : <https://giuseppepenone.com/en/about/biography>

Marmeleira, J. (2018, Agosto, 24) A força incandescente e serena do desenho. *Público*. [consultado em 17/03/2024] <https://www.publico.pt/2018/08/24/culturaipilon/noticia/a-forca-incandescente-e-serena-do-desenho-1841615>

Marmeleira, J. (2021) Cristina Ataíde: Dar Corpo ao Vazio. *Contemporânea*. Edição 07-08-09. [consultado em 01/03/2024] <https://contemporanea.pt/edicoes/07-08-09-2021/cristina-ataide-dar-corpo-ao-vazio>

Rato, V. (2015, Fevereiro, 13) Vazio, com todas as formas dentro. *Público*. [consultado em 17/03/2024] <https://www.publico.pt/2015/02/13/culturaipilon/noticia/vazio-com-todas-as-formas-dentro-1685770>

Robalo, C. (2019, Outubro, 18). Pela Bruma Dentro - Conversa com Cristina Robalo em torno do Desenho. *Issuu* [consultado em 04/03/2024] [https://issuucom/sistemasolar/docs/pedro\\_paixa\\_o\\_pela\\_bruma\\_dentro\\_excert](https://issuucom/sistemasolar/docs/pedro_paixa_o_pela_bruma_dentro_excert)  
[o](#)

Spector, Naomi. "Eva Hesse." *Shalvi/Hyman Encyclopedia of Jewish Women*. 31 December 1999. Jewish Women's Archive. [consultado em 22/03/2024]

<https://jwa.org/encyclopedia/article/hesse-eva>

Stark, M. (s.d). Michaela Stark. [consultado em 15/03/2024]

<https://www.michaelastark.com/about>

Stark, M. [Michaela Stark]. (2021, Fevereiro). *Second Skin*. [vídeo]. [consultado em 15/03/2024]

[https://www.youtube.com/watch?v=AWCGivT7188&rco=1&ab\\_channel=MichaelaStark](https://www.youtube.com/watch?v=AWCGivT7188&rco=1&ab_channel=MichaelaStark)

SOUSA, Priscila. (20 de Junho de 2023). *Plasticidade - O que é, conceito e definição*. Conceito.de. <https://conceito.de/plasticidade>

## Índice de Imagens

Figura 1 - Espessura do Silicone - Processo de Trabalho .....	15
Figura 2 - Exploração do Informe com peça de Silicone - Processo de Trabalho .....	16
Figura 3 - Detalhe com peça de Silicone - Processo de Trabalho .....	16
Figura 4 - Exploração do Informe com peça de Silicone - Processo de Trabalho .....	17
Figura 5 - Detalhe Dobra, peça de silicone. ....	17
Figura 6 - 240 Metamorfoses, Maria Inês Pimenta, Tinta da China sobre Papel, 2023, 165 x 175 cm.....	21
Figura 7 - Imagem ilustrativa da aparência das diferentes tonalidades de vermelho nos materiais utilizados, Tinta da China, Lápis de Cor e Silicone com Pigmento (respetivamente, de cima para baixo).....	26
Figura 8 - White on Red, Rothko, 19579.....	29
Figura 9 - Palpebre, Giuseppe Penone, 1977 .....	30
Figura 10 - Pelle di Marmo e Spin d'Acacia, Giuseppe Penone, 2000 .....	31
Figura 11 - Trattenere 6, 8, 12 anni di crescita, Giuseppe Penone, (2004-2016), Bronze, 350 x 60 x 60 cm.....	31
Figura 12 - Série Silhuetas, Ana Mendieta, 1973-1978 .....	32
Figura 13 - Matter (frontal), Diogo Pimentão, escultura, 2019, 22x12x10cm....	33
Figura 14 - Expanded Expansion, Eva Hesse, 1969, resina, latex e gaze .....	34
Figura 15 - Montanha #74, Cristina Ataíde, 2013, Lápis glasochrom s/papel e madeira  1,85x3,50m.....	35
Figura 16 - Pelé #35, Cristina Ataíde, 2006, Grafite s/papel   120x155cm .....	35
Figura 17 - Self Portrait, Michaela Stark, 2023 .....	36
Figura 18 - The Gift, Pedro A H Paixão, 2016, Lápis de Cor sobre papel, 21x26,1cm.....	37
Figura 19 - Sem título, Pedro A H Paixão, Exposição de Arte Porrtuguesa, Burlington House, Londres, (1955-56) .....	37
Figura 20 - Natureza III, Maria Inês Pimenta, 2021, Aguarela, 21x29,7cm .....	39
Figura 21 - Natureza II, Maria Inês Pimenta, 2021, Aguarela, 21x29,7cm .....	39
Figura 22 - Natureza I, Maria Inês Pimenta, 2021, Aguarela, 21x29,7cm .....	39
Figura 23 - Série 1 - Noz, Maria Inês Pimenta, 2021, Aguarela, 6x4cm (cada)	40

Figura 24 - Série 2 - Laranja, Maria Inês Pimenta, 2022, Aguarela, 5x5cm (cada)	40
Figura 25 - Série 3 - Tâmara, Maria Inês Pimenta, 2022, Aguarela, 5x4,5cm (cada)	40
Figura 26 - Série 4 - Caule Rosa, Maria Inês Pimenta, 2022, Aguarela, 5x5cm (cada)	41
Figura 27 - Série 5 - Banana, Maria Inês Pimenta, 2022, Aguarela, 6x4cm (cada)	41
Figura 28 - Série 6 - Autorretrato, Maria Inês Pimenta, 2022, Aguarela, 6x3cm (cada)	42
Figura 29 - Sem Título, Maria Inês Pimenta, 2022, Aguarela, 20x20cm	42
Figura 30 - Sem Título, Maria Inês Pimenta, 2022, Aguarela, 20x20cm	43
Figura 31 - Sem Título, Maria Inês Pimenta, 2022, Aguarela, 17,5x21cm	43
Figura 32 - Sem Título, Maria Inês Pimenta, 2022, Aguarela, 24,5x34,5cm	43
Figura 33 - Sem Título, Maria Inês Pimenta, 2022, Aguarela, 20x20,5cm	44
Figura 34 - Sem Título, Maria Inês Pimenta, 2022, Aguarela, 25x26cm	44
Figuras 35 - Peça de gesso feitas a partir do meu corpo, tornozelo	45
Figura 36 - Peça de gesso feitas a partir do meu corpo, dedos	45
Figura 37 - Peça de gesso feitas a partir do meu corpo, dedos	46
Figura 38 - Peça de gesso feitas a partir do meu corpo, dedos	46
Figura 39 - Peça de gesso feitas a partir do meu corpo, pé	46
Figura 40 - Processo criação peça gesso, imagem de ateliê	46
Figura 41 - Peça de gesso feitas a partir do meu corpo, joelho	46
Figura 42 - Sem Título, Maria Inês Pimenta, 2022, Grafite, 15x17cm	47
Figura 43 - Sem Título, Maria Inês Pimenta, 2022, Grafite, 17x17,5cm	47
Figura 44 - Sem Título, Maria Inês Pimenta, 2022, Grafite, 22,5x15cm	47
Figura 45 - Sem Título, Maria Inês Pimenta, 2022, Grafite, 17,5x18cm	48
Figura 46 - Sem Título, Maria Inês Pimenta, 2022, Grafite, 18,5x16,5cm	48
Figura 47 - Resultado experimentação pele, silicone, farinha maisena e pigmento vermelho	49
Figura 48 - Resultado experimentação pele, silicone, farinha maisena e pigmento vermelho	49
Figura 49 - Dobra II, Maria Inês Pimenta, 2023, Lápis de cor sobre papel, 16x17,5cm	51

Figura 50 - Dobra I, Maria Inês Pimenta, 2023, Lápis de cor sobre papel,14,7x17,3cm .....	51
Figura 52 - Dobra III, Maria Inês Pimenta, 2023, Lápis de cor sobre papel,15,5x15cm .....	51
Figura 51 - Dobra IV, Maria Inês Pimenta, 2023, Lápis de cor sobre papel,18x19cm .....	51
Figura 53 - Dobra V, Maria Inês Pimenta, 2023, Lápis de cor sobre papel, 14x12,5cm .....	51
Figura 54 - Textura em metamorfose, Maria Inês Pimenta, 2023, Tinta da China sobre papel, 15,7X13,7cm .....	52
Figura 55 - Textura em metamorfose, Maria Inês Pimenta, 2023, Tinta da China sobre papel, 14,5X14,3cm .....	52
Figura 56 - Textura em metamorfose, Maria Inês Pimenta, 2023, Tinta da China sobre papel, 15,5X14cm .....	52
Figura 57 - Textura em Metamorfose, Maria Inês Pimenta, Lápis de Cor sobre papel, 2023, 6X4cm (cada) .....	53
Figura 58 - Dobra em Metamorfose II, Maria Inês Pimenta, Lápis de Cor sobre papel, 2023, 5,5X5cm (cada) .....	53
Figura 59 - Dobra em Metamorfose II, Maria Inês Pimenta, Lápis de Cor sobre papel, 2023, 4X4cm (cada) .....	54
Figura 60 - Resultado experimentação pele, silicone, farinha maisena e pigmento vermelho.....	55
Figura 61 - Resultado experimentação pele, silicone e pigmento vermelho.....	55
Figura 62 - Metamorfose do Informe, Maria Inês Pimenta, Tinta-da-China sobre papel, 2023, 14 folhas de 10 x 8 cm (cada) .....	56
Figura 63 - 240 Metamorfoses, Maria Inês Pimenta, Tinta da China sobre Papel, 2023, 165 x 175 cm .....	57
Figura 65 - Resultado transferências do pigmento no corpo .....	58
Figura 64 - Resultado transferências do pigmento no corpo .....	58
Figura 67 - Pele Vermelha 1, Maria Inês Pimenta, Fotografia digital, 2024 .....	59
Figura 66 - Pele Vermelha 5, Maria Inês Pimenta, Fotografia digital, 2024 .....	59
Figura 68 - Pele Vermelha 7, Maria Inês Pimenta, Fotografia digital, 2024 .....	59
Figura 69 - Pele Vermelha 11, Maria Inês Pimenta, Fotografia digital, 2024 .....	59